



www.dicas.sas.uminho.pt

UMinho cria primeiro movimento universitário contra desperdício alimentar

Iniciativa pretende reduzir os resíduos alimentares gerados mensalmente nas cantinas da instituição



P02



ENTREVISTA P07 a P10

Rui Reis, Vice-reitor da Investigação

“Falta-nos muito a visão estratégica dos financiamentos”.

Dádiva de Sangue no Campus de Gualtar

Comunidade académica mostrou a sua solidariedade com 319 Dadores Inscritos e 59 Recolhas de Sangue para Análise de Medula. Dia 1 de abril o palco será o Campus de Azurém. Não Faltes!

P11

8ª Edição do “Serenatas ao Berço”

Organizado pela Tun’Obebes, o VIII Serenatas ao Berço terá como palco o Auditório Nobre da Universidade do Minho em Guimarães, dia 5 de abril às 21 Horas

P15

SPORT ZONE

Campanha de “Recolha e Oferta de Roupas”

Campanha recolheu mais de 2000 peças de peças de roupa, calçado e acessórios

A Universidade do Minho entregou a seis instituições do distrito de Braga 1716 peças de roupa, calçado e acessórios, uma grande contribuição conseguida na Campanha de “Recolha e Oferta de Roupas Usadas” que decorreu na UMinho de 20 de janeiro a 21 de fevereiro, e para a qual contribuíram alunos, funcionários, ex-alunos e pessoas externas.

ANA MARQUES
anac@sas.uminho.pt

No total, a Campanha angariou mais de 2000 mil peças, pois como referiu Fernando Parente, Diretor do Departamento Desportivo e Cultural dos SASUM “a Campanha funciona como uma “feira”, as peças recolhidas são postas em exposição em lugar reservado e qualquer pessoa, da comunidade Académica ou não, pode vir levantar ou até mesmo trocar, deixar umas e levar outras, aqui o espírito é mesmo esse” disse.

Por isso, as 1716 peças entregues hoje às instituições de solidariedade (Centro Comunitário de Solidariedade e Integração Social “Fraterna” Guimarães; Associação Teatro e Construção, Famíliação; CAT Rebelo Duarte da Misericórdia de Vieira

do Minho; CCS Santo Adrião, Braga; Cruz Vermelha Portuguesa, Braga e a Cáritas de Braga) foram as que ficaram por levantar no decorrer da Campanha “em média são recolhidas cerca de 20% das peças que nos chegam durante a Campanha” referiu Fernando Parente.

Para além de poder contribuir para ajudar pessoas necessitadas, a Campanha tem objetivos maiores, sendo um dos principais “promover os princípios e os valores da solidariedade junto dos estudantes que estão numa idade sensível, altura em que devem ser conquistados, em que lhes devem ser inculcados os valores solidários, pois serão os futuros líderes de opinião” afirmou o Diretor do DDC. O objetivo é que os estudantes, influenciados por estas ações se tornem melhores pessoas e “continuem no futuro a promover estes valores da solidariedade”.

A Campanha deste ano, no seguimento do que vem sendo hábito, voltou a ter bastante sucesso, para isso muito contribuiu a parceria com a Associação dos Antigos Estudantes (AAEUM), que através da sua “network” de contactos, e como referiu o seu presidente, Francisco Pimentel “tem atualmente



cerca de 30 a 40 mil pessoas” levou a Campanha a muitas mais pessoas através dos seus meios “pessoas, ex-alunos desta Universidade que estão numa faixa etária e numa fase mais estável da vida, os quais têm muita mais facilidade de contribuir” disse.

Francisco Pimentel afirmou o seu contentamento com o resultado da Campanha, uma parceria com os SASUM e a AAUM que será para continuar “é uma das vertentes e dos papéis que as Associações

devem ter e fomentar, em particular uma associação como a nossa” afirmou.

A cerimónia decorreu pelas 11h00, no Complexo Desportivo Universitário de Gualtar – Braga, na qual estiveram também presentes as várias instituições apoiadas, as quais foram selecionadas segundo critérios de dispersão pelo distrito, escolha que teve também como critério abranger a maior diversidade possível da população, que vai desde os zero aos mais idosos.

Iniciativa pretende reduzir os resíduos alimentares gerados mensalmente nas cantinas da instituição

UMinho é a primeira Universidade a criar movimento contra desperdício alimentar

A Universidade do Minho é a primeira instituição do ensino superior a criar um movimento contra o desperdício alimentar. Um dos objetivos é reduzir as cerca de quatro toneladas de resíduos alimentares gerados mensalmente nas cantinas da instituição. O “Movimento Menos Olhos do que Barriga” foi idealizado por alunos de Ciências da Comunicação em resposta a um desafio dos Serviços de Ação Social.

DEPARTAMENTO ALIMENTAR
dicas@sas.uminho.pt

No sentido de sensibilizar os 21.000 alunos, funcionários e professores contra o desperdício alimentar, o Movimento tem realizado “ações de patrulha” pelas cantinas da academia em Braga e Guimarães, devendo as ações estender-se em breve a outros espaços da instituição. “Queremos promover uma mudança de atitudes na comunidade académica e na sociedade em geral. Já foram distribuídas várias centenas de folhetos informativos. Às pessoas cujos tabuleiros evidenciem que não houve desperdício, é-lhes entregue um pin do Movimento, símbolo de ‘boa atitude’”, explica Sara Oliveira, uma das promotoras do projeto e aluna do 3º ano de Ciências da Comunicação.

A intenção com esta campanha de sensibilização é que cada um leve apenas a quantidade de comida que irá ingerir. Os alimentos não servidos são possíveis refeições a encaminhar para IPSS de Braga e Guimarães.

Um estudo desenvolvido pelo Departamento Alimentar da UMinho concluiu que as suas cantinas geram cerca de quatro toneladas de resíduos alimentares por mês, sendo que uma parte significativa resulta dos alimentos deixados nos tabuleiros.

Por isso, “é muito importante transmitir aos jovens a noção e consciencialização das consequências do desperdício, bem como a preocupação com um ambiente sustentável. Se todos fizermos um esforço, estaremos certamente a dar o nosso contributo para um ambiente e uma sociedade mais sustentáveis”, realça Celeste Pereira, diretora do Departamento Alimentar da UMinho.

A campanha de sensibilização arrancou a 16 de outubro, Dia Mundial da Alimentação. O Parlamento Europeu declarou 2014 como o Ano Europeu contra o Desperdício Alimentar. A proposta foi apresenta-



da com objetivo de tomar decisões relevantes para a resolução do problema do desperdício alimentar existente na Europa. Em Portugal, cerca de um milhão de toneladas de alimentos vai para o lixo todos os anos, isto é, 17% do que é produzido.

O facebook do movimento é www.facebook.com/MenosOlhosDoQueBarriga?fref=ts.

Editorial

A solidariedade também se aprende!

Ao contrário do que muitos possam pensar, a solidariedade é algo que se aprende. É claro que podemos nascer melhores ou piores pessoas, para uns talvez seja difícil aprenderem e adquirirem os valores da solidariedade, enquanto outros, parece que está no seu ADN.

Seja num caso ou no outro, a solidariedade é algo que deve ser transmitido às crianças e jovens, e quanto mais cedo forem tomando conhecimento dos valores implicados nesta, quanto mais cedo vi-rem exemplos, quanto mais cedo participarem em ações solidárias, quanto mais cedo forem habituados a serem solidários, por mais pequeno que seja o ato, ele tenderá no futuro a tornar-se grande, pois a cultura da solidariedade vai sendo adquirida ao longo da vida, tornando-se depois um ato “fácil”.

A solidariedade é um dos valores mais importantes da nossa sociedade, e que atualmente adquire ainda mais importância. Por vezes poderá ser difícil agir sozinho, mas podemos sempre colaborar e cooperar com outros, seja na nossa zona de residência, no trabalho, na escola, no nosso grupo de amigos...a solidariedade deve ser um ato gratuito, sendo a nossa recompensa, a satisfação de sabermos que o fizemos.

A UMinho é um bom exemplo do que é promover os princípios e os valores da solidariedade, com a recente campanha de recolha de roupa e de dádivas de sangue que apelaram à solidariedade da comunidade académica, principalmente dos estudantes que estão numa idade sensível, em que devem ser conquistados, em que o meio em que estão inseridos lhes deve inculcar os valores solidários, pois serão os futuros líderes de opinião e por isso a solidariedade estará nas suas mãos.



ANA MARQUES
anac@sas.uminho.pt

Sector de Gestão Técnica e Desportiva do Departamento Desportivo e Cultural dos SASUM

“O DDC está forte. Somos reconhecidos, tanto a nível nacional como internacional, como um exemplo a seguir em termos de boas práticas.”

O Sector de Gestão Técnica e Desportiva do Departamento Desportivo e Cultural dos SASUM é liderado por Gabriel Oliveira. É o setor que alberga as duas grandes áreas de intervenção dos serviços desportivos, as Instalações Desportivas (ITD) e as Atividades Desportivas (ATD). Com uma equipa de 35 pessoas, este é “o motor” dos serviços desportivos da Universidade que são atualmente um exemplo a nível europeu. O UMdicas foi conhecer melhor este setor e toda a sua dinâmica dentro dos SASUM.

ANA MARQUES
anac@sas.uminho.pt

O que é o Sector de Gestão Técnica e Desportiva do DDC?

O Setor de Gestão Técnica e Desportiva (GTD), é o setor que alberga as duas grandes áreas de intervenção dos serviços desportivos dos SASUM, as Instalações Desportivas (ITD) e as Atividades Desportivas (ATD). Este setor é responsável pela coordenação e controlo das duas áreas que são “o motor” dos serviços desportivos.

Quem é o responsável de setor e qual a sua formação e trajeto?

Gabriel Oliveira é o responsável direto deste setor. Sou licenciado em Educação Física pela ESE Jean Piaget e pós graduado em Gestão Desportiva, pela FCDEF UP, Especialista em Serviços Desportivos e em Instalações e Equipamentos Desportivos pelo INEF de Madrid. Acabei o curso em 1998/99 e entrei para os Serviços de Acção Social da Universidade do Minho. Entrei como Técnico de Desporto e lecionava aeróbica e musculação. Com o tempo fui conhecendo o funcionamento do DDC e assumindo algumas tarefas na coordenação desportiva. Comecei como responsável pelas Atividades de Ritmo e passado algum tempo assumi a coordenação desportiva do polo de Azurém. Em Azurém trabalhei com o Adolfo Vidal e foi aí que comecei a ter o meu primeiro contato com a Gestão Técnica e Desportiva do DDC. Quando voltei para Gualtar trabalhei diretamente com o Pedro Dias e o Fernando Parente na Competição Desportiva e Eventos Desportivos. Depois acumulei a responsabilidade pelas Instalações e Atividades Desportivas. Tive um trajeto recheado de conhecimento e novas oportunidades, importantes no meu crescimento pessoal e me fizeram chegar às funções que hoje desempenho.

Quais são as competências e responsabilidades deste setor?

Do ponto de vista pessoal, ter capacidade de Liderança, capacidade de gerir conflitos, trabalhar em equipa, dialogar, relacionamento interpessoal e comunicação. Em termos operacionais, no dia-a-dia, assegurar e apoiar a realização de tarefas que vão deste a gestão e supervisão das instalações desportivas, garantir o cumprimento das normas legais e de qualidade para os equipamentos desportivos, materiais e sistemas de apoio à prática desportiva. Garantir o cumprimento do regulamento de utilização de instalações desportivas, propor alterações aos regulamentos em vigor, elaborar mapas estatísticos de uso e ocupação das instalações e atividades desportivas, participar nos inventários de bens das instalações em articulação com o DAF, arrecadar e apresentar as receitas dos serviços desportivos ao DAF, assegurar o secretariado e atendimento ao público,



Equipa de Gualtar

blico, garantir a manutenção e limpeza dos espaços, equipamentos desportivos, planejar e gerir a oferta das atividades desportivas, planejar e coordenar a competição desportiva universitária, promover a celebração de protocolos com entidades externas, organizar eventos desportivos intramuros e extramuros de carácter nacional e internacional, manter



Equipa de Azurém

atualizado o sistema de informação dos estudantes com estatuto de estudante atleta e elegíveis para efeitos de suplemento ao diploma no âmbito da atividade desportiva e apoiar a implementação do programa de acompanhamento tutorial aos estudantes/atletas de alto rendimento desportivo. Estas são as principais responsabilidades que tenho que lidar no dia-a-dia.

O que significa para si trabalhar nesta área?

Desafio. O DDC está forte. Somos reconhecidos, tanto a nível nacional como internacional, como um exemplo a seguir em termos de boas práticas. Os indicadores com que trabalhamos só são comparáveis com as Universidades do Centro e Norte da Europa. Podíamos ficar contentes só com isto, mas não... se calhar agora iniciam alguns desafios mais sérios. Como nos mantermos no topo?! Com novas ideias, novos desafios...

Como está organizado o Sector da Gestão Técnica e Desportiva?

O setor de GTD está dividido em duas grandes áreas, as Instalações Desportivas (ITD) e as Atividades Desportivas (ACD). Dentro de cada uma dessas áreas

temos várias unidades.

Nas ITD temos os nossos Complexos Desportivos de Gualtar e Azurém, o Centro de Condição Física da Residência Universitária de Sta. Tecla, a Sala de Desportos dos Congregados e o Campo de Práticas de Golfe de Azurém. Ainda nas ITD, temos as áreas de Secretariado/Recepção e da Limpeza.

Nas ACD temos três áreas. A Gestão de Atividades, onde se enquadram os nossos técnicos desportivos e técnicos de Atividades. A área de Gestão de Eventos e Projetos específica para acompanhamento de eventos e projetos. A área de Fisioterapia que nos presta colaboração no acompanhamento das modalidades desportivas.

Qual a função e importância deste sector no seio do Departamento Desportivo e Cultural dos SASUM?

Gerir os aspetos técnicos e desportivos dos serviços desportivos da UMinho. A direção do DDC pensa a estratégia do desporto para a UMinho. É a parte ideológica que aí se trabalha. O setor de GTD operacionaliza no terreno. Gerimos as Instalações e Equipamentos Desportivos existentes. Planeamos e avaliamos as atividades e os melhores horários. Temos a gestão de eventos. Temos que gerir os Recursos Humanos e proporcionar formação contínua. Coordenamo-nos com a AAUM e outras associações da UMinho. Contactamos com o associativismo regional e nacional, parceiros importantes na nossa política desportiva. Com isto tudo, afirmo que a importância deste setor é vital para o DDC e para a política desportiva da Universidade.

Quais os principais objetivos do sector?

O principal objetivo deste setor é operacionalizar de acordo com a Missão do DDC, ou seja, “Promover a participação desportiva e cultural no seio da comunidade académica (alunos e funcionários), proporcionando condições para um acesso democrático a essa prática, num ambiente educativo, aberto à comunidade, saudável e de excelência.”

Qual o modo de funcionamento?

Para atingir os nossos objetivos, temos de estar perto dos utentes. Como fazemos isso?! Usamos quem está próximo deles no dia-a-dia para fazer avaliações e avançar com propostas de melhoria. Se assim não fosse, estaríamos muito longe do lugar onde estamos.

Quais são as tarefas diárias do responsável do sector?

Início do dia a ver a minha caixa de email. Verifico se tenho algo urgente ou se tenho algo pendente e que necessite de atenção imediata. Depois vejo o meu planeamento diário e para os próximos tempos. Início ações para o planeado. Reencaminho informação para os técnicos envolvidos, reúno com as entidades envolvidas, etc. Todos os dias tenho tarefas inerentes à minha função. São sempre dias preenchidos.

Quais as principais dificuldades que encontra no desenvolvimento do seu trabalho?

Talvez as inúmeras solicitações que o DDC tem diariamente e que requerem a nossa atenção imediata. Temos mais de 150 eventos anuais e oferta de 70 atividades em funcionamento e mesmo assim, todos os dias somos solicitados para novas atividades ou eventos.

Quantas pessoas trabalham neste sector?

Somos 35 pessoas. Um (1) Coordenador Técnico, três (3) Responsáveis de Instalação Desportiva, três (3) Rececionistas, três (3) Auxiliares de Limpeza, um (1) Gestor de Eventos e Projetos, um (1) Gestor de Projetos Internacionais, um (1) Gestor Desportivo, sete (7) Técnicos Desportivos, doze (12) Técnicos de Atividades e um (1) Fisioterapeuta.

Como é liderar esta equipa?

É ótimo! Respeitamo-nos e divertimo-nos, o que é essencial. Acima de tudo e pela diversidade de personalidades é ótimo lidar com todos. Todos sabem o que tem de fazer e isso é meio caminho andado.

Quais foram as novidades inseridas no sector este ano?

Não temos grandes novidades. Tivemos uma pequena reestruturação interna no início deste ano letivo, algumas alterações de funções necessárias a um melhor funcionamento. Temos tentado melhorar alguns serviços prestados e procedimentos inerentes. A nível das Instalações e atividades oferecidas, não houve novidades. O novo cartão Low Cost com horário específico, deve ser a maior novidade. Lançamos também a “Sessão Experiência”, onde os nossos utentes poderão experimentar as atividades que temos para oferecer, durante uma sessão.

Existem novidades programadas para o próximo ano letivo no âmbito deste sector?

Há algumas novidades programadas a nível de instalações e atividades. Ainda não sabemos se só serão implementadas no próximo ano letivo ou se ainda conseguiremos lançá-las mesmo neste ano letivo. Para as conhecer, terão que continuar a frequentar os nossos serviços desportivos ou se ainda não são nossos utentes, está na hora de nos virem visitar e experimentar as nossas ofertas. Cá vos esperamos, seja em Braga ou Guimarães!!!

II Torneio de Apuramento

Futsal feminino da AAUMinho tremeu mas venceu!

O Futsal feminino da AAUMinho venceu o II Torneio de Apuramento (TA) que se realizou em Vila Real nos passados dias 11 e 12 de março, após vencer na final a Académica por 1-0. Com este triunfo no TA, que foi um duro teste para as minhotas, a AAUMinho garantiu também a sua presença nas Fases Finais dos Campeonatos Nacionais Universitários.

NUNO GONÇALVES
nunog@sas.uminho.pt

Vila Real, cidade onde o Futsal é das modalidades com mais história, voltou a acolher um Torneio de Apuramento para as Fases Finais dos CNU's, desta feita, o último e decisivo.

A AAUMinho, campeã em título, apresentou-se com apenas um objetivo em mente: vencer o TA e desta

forma assegurar de forma perentória o seu apuramento. Após a menos conseguida prestação no I Torneio em que se classificaram em 5º lugar, a responsabilidade era elevada.

Colocada no Grupo B conjuntamente com a Académica, a AAUBI e a AAGuarda, a tarefa não se apresentava nada fácil. A primeira partida terminou com um escasso 1-0 frente à AAGuarda, sendo que na segunda as minhotas saborearam uma derrota por 3-4 pelas mãos da Académica. O jogo frente à AAUBI era decisivo! Mostrando o porquê de serem as campeãs, as atletas de Anselmo Calais levantaram a cabeça e golearam por 4-0, assegurando assim a passagem às meias-finais.

Nas meias, e frente à sempre complicada equipa do IPEira, a contenda apenas se resolveu na mar-

cação das grandes penalidades. Com o término do tempo regulamentar, o placar luminoso mostrava um 2-2 que se viria então a transformar num 5-4 favorável às minhotas.

Já com o apuramento garantido após esta suada vitória, as minhotas conseguiram vingar a derrota da fase de grupos frente à Académica, trinfando por 1-0.

Para Anselmo Calais, técnico das minhotas, esta prova serviu mais uma vez para demonstrar "o bom nível do futsal feminino universitário" e para que a sua equipa demonstrasse "o espírito de sacrifício" que



ela tinha tornado campeãs. Calais, aponta agora como grande objetivo a renovação do título nas Fases Finais dos CNU's que se irão realizar em abril na cidade da Maia.

II Torneio de Apuramento

Andebol "suou" mas continua a ser o grande favorito!

A AAUMinho, penta campeã de Andebol masculino, sofreu a bom sofrer para levar de vencida (11-10) a sua histórica rival de Aveiro, a AAUAv. Na final do II Torneio de Apuramento (TA) que se realizou na cidade de Guimarães, os minhotos apresentaram-se desfalcados, a par de uma atuação displicente, apesar de tudo saíram vitoriosos e partem para as Fases Finais dos Campeonatos Nacionais Universitários (CNU's) como os grandes favoritos à vitória final.

NUNO GONÇALVES
nunog@sas.uminho.pt

A prova decorreu nos passados dias 19 e 20 de março, e a jogar em casa, a AAUMinho apresentava-se como "a suspeita do costume" no que toca a quem "no final do dia" iria ocupar o primeiro lugar no TA e no ranking de apuramento para as Fases Finais... e apesar de alguns sobressaltos, as expectativas não foram defraudadas.

A sorte ditou que no Grupo A, AAUMinho e AAUAv, duas academias com uma história de rivalidade no Andebol, se iriam defrontar e lutar entre si pelo primeiro lugar do grupo. IPEiria e AAGuarda também estavam colocadas neste grupo, mas as possibilida-

des de ambas poderem vencer minhotos e aveirenses eram muito reduzidas.

Com tudo a decorrer como previsto, a equipa de Gabriel Oliveira venceu os beirões por 22-6 e posteriormente os leirienses por 14-6. No último embate desta fase e, frente aos aveirenses, as coisas foram mais equilibradas e a partida terminou com um "score" de 15-12 favorável aos minhotos. O aviso estava dado.

Nas meias-finais, frente a uma frágil AAUBI, a AAUMinho voltou a vencer por "números gordos": 21-11. Apesar da equipa não ter estado brilhante, cumpriu e garantiu o seu lugar na final.

Já na final, e outra vez frente à AAUAv, chegou-se a temer o pior! Para quem não sabe, a equipa de Andebol masculino da AAUMinho já não conhece o sabor da derrota em terras lusitanas desde maio de 2008 (derrota para o ISMAI na final do CNU) ... são quase seis anos de prestações imaculadas!

Com uma atuação displicente e nada condizente com os seus pergaminhos, os minhotos fizeram sofrer a bom sofrer o seu técnico, que no banco se mostrava visivelmente agastado com a prestação da equipa. No final, tudo "acabou em beleza", com

uma vitória por 11-10 sobre uma aguerrida AAUAv.

No final da partida e quando questionado se tudo tinha corrido como previsto, Gabriel Oliveira respondeu: "Infelizmente não correu tudo como previsto. Após o lançamento da convocatória, deparei-me com uma situação no mínimo caricata. Num só fim-de-semana, tive cinco baixas importan-

tes para a equipa. Cinco jogadores que se lesionaram nos jogos do fim-de-semana e que ficaram impossibilitados em jogar no TA... juntar estes cinco aos quatro atletas do ABC de Braga/UMinho que tiveram jogo no dia 19 contra o Sporting Clube de Portugal, fiquei com 10 atletas disponíveis. Destes 10 atletas, um teve que faltar na 5ª feira por razões profissionais e outro, ao sair de casa bateu com o carro... por isso nem tudo correu como o previsto!" Sobre as Fases Finais e o objetivo da equipa para



esta importante prova, a resposta do técnico minhoto foi bem esclarecedora: "O objetivo é o mesmo dos anos anteriores. Vencer todos os adversários que nos calharem na sorte do sorteio e ser Campeões Nacionais. Neste momento, não nos podemos preocupar só com as vitórias, temos igualmente que nos preocupar com as prestações da equipa. Neste TA a equipa teve muito longe do que é e deu uma imagem que em nada faz jus à instituição que representa e aos pergaminhos do andebol da UMinho. Não podemos ganhar só por ganhar..." disse.

Última jornada concentrada

Futsal masculino na "pole-position" rumo à revalidação do título!

O Futsal masculino da AAUMinho garantiu o primeiro lugar da zona nacional de apuramento, após vencer por 5-4 a AAUTAD e por 9-2 a AAUAv, na última jornada concentrada. Os minhotos, que apenas empataram uma partida nesta fase de apuramento para as Fases Finais dos Campeonatos Nacionais Universitários (CNU's), perfilam-se mais uma vez como os grandes candidatos à conquista do título!

NUNO GONÇALVES
nunog@sas.uminho.pt

Praticamente com o apuramento garantido, a AAUMinho apresentou-se em Coimbra, não para cumprir calendário, mas para deixar bem vincado que o seu objetivo era garantir o 1º lugar do ranking de apuramento e assegurar o estatuto de cabeça de

série para o sorteio das Fases Finais.

Na primeira partida, frente à AAUTAD, e que viria a terminar com um 5-4 favorável aos minhotos, o resultado acabou por "não espelhar o que se passou durante o jogo", afirmou Luís Silva, técnico da AAUMinho. Os campeões em título foram sempre mais dominantes e a equipa que mais procurou o golo e a vitória.

Frente à AAUAv, que inicialmente ainda sonhava com o apuramento no início desta jornada, a máquina de futsal da AAUMinho "cilindrou" literalmente os aveirenses. Sempre muito autoritários, os atletas de Luís Silva não deram qualquer tipo de veleidades aos seus adversários e venceram por uns contundentes 9-2!

"O empenho, a determinação e a seriedade com que abordaram os jogos, foi a chave para mais este sucesso", destacou Silva. Num ano em que a equipa entrou num período de renovação, com apenas quatro elementos da equipa campeã de 2012/2013 ainda presentes, este lote de atletas mostra-se sedento de títulos e quer reservar o seu lugar na história. O seu objetivo é apenas um, como nos confidenciou Silva: "renovação do título de campeão nacional".

A rematar, o timoneiro dos tetracampeões, quis ainda deixar um agradecimento aos clubes dos quais os atletas da AAUMinho são filiados, pela "disponibilidade e compreensão para que estes pudessem representar a nossa

academia, mesmo tendo que faltar a treinos das suas equipas".

As Fases Finais dos CNU's vão decorrer na Cidade Europeia do Desporto – Maia – entre os dias 7 e 11 de abril.



CNU de Judo

Luta, superação e medalhas: Judo da AAUMinho brilha com prata e bronze

A UMinho foi mais uma vez palco de eleição para um Campeonato Nacional Universitário (CNU) de desportos de combate, desta feita, o Judo. Pedro Candeias (Negócios Internacionais) e Amália Carvalho (Mestrado em Ciências da Comunicação) demonstraram espírito de superação e conquistaram respetivamente prata e bronze nos -60kg masculinos e -52kg femininos.

REDAÇÃO
dicas@sas.uminho.pt

Pela segunda vez na sua história, a Universidade do Minho voltou a receber a organização de um CNU de Judo, competição que se realizou no dia 23 de março e que contou com cerca de 70 atletas oriundos de 17 academias.

A AAUMinho, apesar de não terem a tradição e força na modalidade como a Académica de Coimbra e a Nova de Lisboa, apresentou-se em prova com a terceira maior comitiva (quatro atletas no quadro feminino e cinco no masculino) e com alguma ambi-

ção de entrar na luta pelas medalhas nas categorias mais leves.

Rui Duarte (Biologia/Geologia), que defendia nos -66kg o título de vice-campeão nacional universitário, era uma das grandes esperanças dos minhotos, mas infelizmente foi eliminado de forma precoce na ronda inicial. Apesar deste revés, o espírito da equipa manteve-se alto e a primeira medalha do dia haveria de ser conquistada por Amália Carvalho, que no combate decisivo eliminou a sua colega de equipa Marta Coelho (Arquitetura) e assegurou dessa forma o bronze nos -52kg! Carol Tevez (Mestrado em Psicologia) também nesta categoria, ainda sonhou com o bronze, mas no combate decisivo da sua poule, acabaria eliminada por ippon.

Os combates foram decorrendo no Pavilhão Universitário de Gualtar, alguns dos nomes mais sonantes do Judo nacional foram conquistando “as suas medalhas” e eis que a AAUMinho conquista a sua segunda medalha do dia!

Pedro Candeias, apesar de ter sofrido uma derrota logo no seu primeiro combate, não baixou os braços

e acabaria por vencer os dois combates seguintes pela vantagem máxima: ippon!

Com estas duas vitórias, uma delas via estrangulamento, o jovem judoca conquistou o título de vice-campeão nacional universitário nos -60kg!

Isabel Costa (Mestrado em Linguística Portuguesa e Comparada), António Maio (Mestrado Integrado em Engenharia de Comunicações) e Israel Araújo (Mestrado em Engenharia e Gestão de Sistemas de Informação) também participaram nesta prova, tendo estes dois últimos estado muito perto da luta pelo bronze. Israel pode queixar-se inclusive de uma má arbitragem que lhe “roubou” o sonho de terminar em beleza o seu programa Erasmus por terras lusitanas.

Para Nuno Gonçalves, técnico dos minhotos, esta prova foi “um sucesso, quer em termos organiza-



tivos, com o Departamento Desportivo da AAUM e o DDC dos SASUM, a trabalharem em perfeita sintonia, quer pelos resultados desportivos e pela capacidade de superação de todos os meus atletas, que deram o seu melhor quando entraram nas áreas de combate... e quando assim é, não se pode pedir mais nada!”

CNU de Escalada Boulder e Velocidade

AAUMinho escala até à prata e bronze!

Em terras lisboetas, os atletas de Escalada da AAUMinho mostraram mais uma vez não terem medo das alturas nem de subir aos lugares mais altos do pódio, conquistando uma medalha de prata e quatro de bronze nos Campeonatos Nacionais Universitários de Escalada Boulder e Velocidade.

NUNO GONÇALVES
nunog@sas.uminho.pt

Tradicionalmente uma das modalidades que todos os anos conquista diversas medalhas para a AAUMinho, a Escalada voltou a estar à altura das expectativas e, na Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Lisboa disse presente!

Com a prova de Escalada Boulder a decorrer no dia 15 de março e a de Velocidade no dia seguinte, este

fim-de-semana prometia muita ação e despiques muito interessantes para determinar quem seriam os mais talentosos e rápidos trepadores do desporto universitário!

Na variante de Escalada Boulder, a AAUMinho subiu por três vezes ao pódio, através de Rita Faria (Engenharia Biomédica), Cédric Figueiredo (Física) e Marcelo Dias (Psicologia), todos eles conquistando a medalha de bronze. Esta prova foi bastante longa e morosa, tendo demorado cerca de sete horas!

No dia seguinte, e já em alta rotação para a prova de velocidade, os minhotos voltaram a demonstrar toda a sua capacidade técnica. Rita Faria ficou muito perto da medalha de ouro, que acabou por fugir para a sua rival do IPPorto, Olha Fediuk. Já no masculino, Cédric Figueiredo repetiu o resultado do dia anterior,

garantindo assim o terceiro lugar do pódio.

Para Jorge Martins, técnico da AAUMinho, este fim-de-semana “foi muito competitivo”, mas a sua equipa “foi fantástica e teve uma prestação irrepreensível”. Martins destacou ainda o 1º lugar por equipas que a AAUMinho ocupa após estas duas provas, referindo que os seus atletas estão a treinar arduamente para que na última prova a disputar em casa se “consiga conquistar mais medalhas e assegurar o primeiro lugar coletivo”.

A última prova de Escalada do calendário da FADU



é no próximo dia 25 de maio, o CNU de Dificuldade à Vista, que se realizará no Pavilhão Desportivo da UMinho em Braga.

II Torneio de Apuramento

Futebol da AAUM carimba passagem para as Fases Finais dos CNU's

A equipa de futebol 11 da Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM) esteve na Covilhã a disputar o II Torneio de Apuramento (TA) de acesso às Fases Finais dos CNU's, mais uma excelente participação, mais uma etapa ganha que lhe assegurou o acesso direto aos CNU's que este ano decorrerão na cidade da Maia.

REDAÇÃO
dicas@sas.uminho.pt

Neste TA a equipa da AAUMinho fez o pleno, vencendo todos os jogos, sendo que a final só ficou decidida nas grandes penalidades.

De 26 a 28 de fevereiro, a cidade da Covilhã e a Vila de Belmonte foram o palco do II Torneio de Apuramento de Futebol 11 masculino. Na prova, organizada pela Associação Académica da Universidade da Beira Interior (AAUBI), competiram 8 equipas, dividi-

das em dois grupos.

Durante a fase de grupos, no grupo A, a AAUBI foi mais forte e venceu os três jogos que tinha pela frente, contra a Associação Académica do Algarve (AAUAlg) por 3-1, e a Associação Académica da Universidade de Aveiro (AAUAv) por 2-0. No jogo que opôs a AAUBI contra os vencedores do I Torneio de Apuramento, a Associação Académica de Coimbra (AAC), a AAUBI venceu por 3-1.

No grupo B, onde estavam as equipas da Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM), campeã em título, a Associação Académica da Universidade de Trás os Montes e Alto Douro (AAUTAD) e o Instituto Politécnico de Leiria (IPL), e o Instituto Politécnico de Viseu (IPV), foi a AAUMinho que fez o pleno, vencendo os três jogos por uma bola a zero. Nas meias-finais, a equipa da casa, a AAUBI derrotou e venceu o Politécnico de Viseu por 3-1 e

a AAUM derrotou a formação algarvia por 1-0.

Desta forma, os Campões Nacionais Universitários chegaram à final, onde defrontaram a equipa da casa, a AAUBI. Num jogo intenso e com a equipa da casa a ser apoiada por uma enorme falange de apoio, a equipa da AAUM, venceu nas grandes penalidades por 3-1, após o empate a zero no tempo regulamentar.

Após os dois Torneios de Apuramento a AAUM e AAC garantiram o apuramento direto para os CNU's, e a AAUBI e a AAUAlg asseguraram uma vaga no play-off de acesso à competição.

Michael Ribeiro, técnico da AAUM mostrou-se satis-



feito com o trabalho realizado e acima de tudo orgulhoso pelo caráter e personalidade demonstrado pelos atletas da AAUM. “Viemos para este TA com muitas baixas devido a lesões, mas os que representaram a AAUM neste TA, estão de parabéns.”

CNU de Corta-Mato

Ouro para Ercília Machado no Corta-Mato!

Ercília Machado, aluna de Doutoramento da UMinho e uma das atletas com maior palmarés e histórico no desporto nacional universitário, subiu mais uma vez ao lugar mais alto do pódio ao vencer o Campeonato Nacional Universitário de Corta-Mato. Ângelo Ribeiro (MIEEICOM), também em representação da AAUMinho, ficou a escassos nove segundos do pódio, tendo-se classificado em 4º lugar.

NUNO GONÇALVES
nunog@sas.uminho.pt

No passado dia 15 de março, o Parque Industrial de Portalegre acolheu alguns dos melhores atletas nacionais na especialidade de Corta-Mato. Com São Pedro a continuar bem-disposto, centenas de espectadores marcaram presença ao longo do trajeto, contribuindo assim de certa forma para que este CNU fosse um sucesso em termos organizativos.

A AAUMinho apresentou-se em prova com quatro atletas, Ângelo Ribeiro, Pedro Faria (Engenharia Informática), Helena Alves (Engenharia Informática) e Ercília Machado, sendo que esta última apresentava-se como uma das grandes candidatas à vitória

final.

Com o tiro de partida para a competição feminina a ser dado pelas 11h30, Ercília arrancou muito forte e logo desde muito cedo assumiu a liderança da prova, algo de que não viria a abrir mão até cortar a meta em primeiro lugar com o tempo de 0:12:56.

Em declarações ao site da Federação Académica do Desporto Universitário (FADU), a atleta minhota mostrou-se visivelmente satisfeita com a sua performance “É uma sensação ótima voltar a subir ao pódio universitário, já que nas últimas provas não tive oportunidade de competir por estar lesionada ou por ter competições federadas a decorrer ao mesmo tempo”.

Ercília mostrou-se ambiciosa no que toca às restantes provas da FADU em que irá participar – CNU de Atletismo Estrada e CNU de Atletismo Pista Ar Livre, sobretudo pelo facto de este ser o seu último ano a competir pela AAUMinho “Quero chegar ao 1º lugar, pode ser difícil, mas vou lutar pelo meu objetivo”.

Já na variante masculina, Ângelo Ribeiro que pela



primeira vez experimentou o Corta-Mato ficou a escassos nove segundos da medalha de bronze. O jovem minhoto afirmou que para 2015, e com mais treinos nesta especialidade, a medalha não lhe fugirá!

Ivo Carvalhosa, o técnico da AAUMinho responsável pelo Atletismo mostrou-se muito animado por estes “ótimos resultados” que segundo ele “deixam antever mais medalhas nos restantes CNU’s que ainda faltam disputar”.

CNU de Pista Coberta

AAUMinho salta mais alto... e para o ouro!

Ana Monjane, aluna do 1º ano de Educação, teve uma prestação de luxo na sua primeira participação num Campeonato Nacional Universitário (CNU) de Pista Coberta ao conquistar uma medalha de ouro no salto em altura! João Ferreira, futuro engenheiro mecânico, voltou a subir ao terceiro lugar do pódio no lançamento do peso, tal e qual como havia feito em 2013.

NUNO GONÇALVES
nunog@sas.uminho.pt

Organizado pelo Instituto Politécnico de Leiria, o CNU de Pista Coberta voltou a reunir no Expocentro do Pombal, no passado dia 2 de março, alguns dos melhores atletas nacionais nas diferentes especialidades do Atletismo.

A grande favorita ao título coletivo, a Universidade do Porto, não defraudou as expectativas e com mais

uma excelente prestação coletiva, garantiu o “Penta”, ficando a AAUAveiro e a Universidade Nova respetivamente em 2º e 3º lugar.

A AAUMinho, que este ano apenas apresentou três atletas em prova, teve uma excelente performance, conquistando uma medalha de ouro e outra de bronze! Os heróis de serviço foram Ana Monjane e João Ferreira. A “caloira” de Educação saltou mais alto que as suas adversárias e garantiu para si e para a academia minhota o tão ambicionado ouro no salto em altura. Já o futuro engenheiro repetiu a façanha do ano anterior e garantiu a medalha de bronze.

Para Ivo Carvalhosa, técnico responsável pelo atletismo da AAUMinho, tendo em conta o número reduzido de atletas disponíveis para participar, este resultado foi “brilhante” e é o fruto do “bom trabalho” que estes dois atletas têm vindo a realizar.



Mundial Universitário de Andebol 2014

SEDJ reconhece interesse público ao Mundial de Andebol de 2014

Emídio Guerreiro, Secretário de Estado do Desporto e Juventude, reconheceu, através de um despacho publicado no Diário da República, o interesse público do Campeonato Mundial Universitário de Andebol, que se realiza este Verão, de 3 a 10 de agosto em Portugal.

FADU
dicas@sas.uminho.pt

No documento pode ler-se que estes eventos “têm ganho cada vez mais projeção internacional de ano para ano”, sendo que o CMU de Andebol espera “várias centenas de atletas oriundos de 18 países, espalhados pelos 5 continentes”.

Para o Secretário de Estado, a realização destas provas, em Portugal “constitui um estímulo ao aumento da prática desportiva, especialmente por parte dos jovens, além de contribuir para o desenvolvimento da cultura do voluntariado e, inequivocamente, para a notoriedade de Portugal a nível internacional e para a afirmação do nosso país como local privilegiado para a realização de grandes eventos desportivos”. No despacho pode ainda ler-se que a competição, por refletir “os objetivos estratégicos do Governo para o desporto”, merece o reconhecimento de interesse público.

O 22º CMU de Andebol, realiza-se em Guimarães, entre os dias 3 e 10 de agosto, sendo

organizado pela Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM), em parceria com a Universidade do Minho (UMinho), sob a égide da FISU.

Para o Presidente da AAUM e da Comissão Organizadora, Carlos Videira, “acima de tudo, este é um reconhecimento institucional muito forte que destaca a importância do evento e mesmo do Desporto Universitário”.

“Este estatuto de interesse público dá à competição uma maior projeção e credibilidade, sendo também reflexo do sucesso do trabalho desenvolvido no passado, noutros eventos e organizações”, explicou Carlos Videira. “É um voto de confiança para a organização”, concluiu.



Rui Reis, Vice-reitor da UMinho

“Aceitei com todo o gosto, ser vice-reitor, e tenho a total certeza que me vou empenhar e fazer um bom trabalho”.



Rui Reis é o atual Vice-reitor para a investigação da Universidade do Minho. Com 46 anos, é Prof. Catedrático de Eng^a de Tecidos, Medicina Regenerativa e Células Estaminais, no Departamento de Eng^a de Polímeros da UMinho. Iniciou a sua formação na UPorto e Doutorou-se e fez a Agregação na UMinho. Com vários cargos de chefia, o Cientista (pois é assim que se identifica), assume este novo desafio como algo “extremamente interessante” e promete fazer um bom trabalho em prol da investigação científica da UMinho.

ANA MARQUES
anac@sas.uminho.pt

Quem é Rui Reis?
Um cientista.

A decisão de aceitar o cargo de vice-reitor foi uma decisão fácil?

Nunca é uma decisão fácil! Para quem tem já tem tantas responsabilidades como eu já tinha, ter uma outra tão importante é sempre muito difícil. Por outro lado, tudo que eu fui conseguindo ao longo destes anos, foi sempre com o apoio institucional da UMinho, e em muitos dos cargos com o apoio do atual Sr. Reitor. Portanto, era daqueles desafios que se pode dizer era quase irrecusável por uma questão de historial e também pela razão de que sou muito dedicado à instituição que represento.

Acho que a posso defender bem e, por outro lado acho

que tenho algum perfil para desempenhar estas funções.

Claro que pesou o facto de ser para vice-reitor da Investigação, se fosse para outra área teria sido uma decisão muito mais difícil.

Quais foram as maiores alterações que esta nova função trouxe à sua vida?

Ao assumir esta nova função, como seria de esperar, tenho sempre mais atividades, mais responsabilida-

des. Não posso dizer que trabalho muito mais horas, trabalho quase tanto como trabalhava.

Tenho é que gerir o tempo de outra maneira e organizar-me ainda melhor do que costumava fazer.

Por outro lado tenho ainda uma visão mais institucional de tudo o que fazemos, muito mais cuidado em defender a instituição como um todo, tentar criar situações para as mais diversas áreas, o que é completamente diferente de quando se está simplesmente como diretor do nosso próprio grupo, em que a nossa visão é muito ligada apenas aquela área que trabalhamos. Ou seja, faço como fazia, muita ciência e gestão científica, mas faço eventualmente um bocadinho mais de política (que também sempre fiz na parte da política científica, mas que foi sempre muito virada para o exterior). Agora tenho de fazer mais em Portugal...É um desa-

fio extremamente interessante.

Tem um curriculum invejável e ocupa atualmente vários cargos de chefia. Qual o cargo ou função que mais o fascina?

Nunca posso dizer que, por mais que eu esteja satisfeito por estar a ser útil à Universidade (espero que o que eu vou fazer como vice-reitor deixe alguma marca na Universidade do Minho), a minha grande função é, e tem que ser, por todos os motivos e mais alguns, é ser cientista e diretor do grupo 3B's e do laboratório associado ICVS/3B's.

Porque o 3B's é uma criação minha, com muita gente a ajudar, com gente que trabalha comigo há muito tempo, e portanto nunca podia aceitar outra função, por mais útil e interessante que fosse, matando aquilo que passei toda a minha vida a criar. Aceitei com todo o gosto, ser vice-reitor, e tenho a total certeza que me vou empenhar e fazer um bom trabalho. Mas nunca aceitaria se tivesse de escolher deixar o grupo 3B's ou estragar uma coisa que demorou tanto tempo a fazer como ter aqui o Instituto Europeu de Excelência em Engenharia de Tecidos e Medicina Regenerativa ou a Revista científica que criei, ou ser presidente da sociedade mundial da nossa área de investigação. Portanto, tudo isto tem de ser compatibilizado e foi nessa linha que aceitei estas novas funções. Acho sinceramente que tenho uma capacidade de trabalho relativamente acima da média, em termos das horas e da eficiência do que faço, vou ter que compatibilizar tudo isto. Até agora, acho que está a correr bem, com algum esforço pessoal, mas também isso é o que eu estou habituado ao

longo dos anos.

No meio de tantos cargos, investigação, escrita, viagens, prémios...Tem tempo para a sua vida pessoal?

Se considerarmos que a minha vida pessoal é só aquilo que geralmente se chama vida pessoal, fico muito mal. Mas eu não considero que o que eu faço é apenas trabalho. É algo que realmente gosto muito de fazer, e no meio de muita chatice, dificuldades profissionais, há muitas coisas que faço no profissional que assumo como algo da vida pessoal. No sentido de que, muita gente gostaria de ter a felicidade que eu tenho, quando aterro em qualquer país ter sempre diversos amigos, tenho sempre alguém à minha espera no aeroporto, alguém que me quer levar a jantar, tenho um colaborador, um ex-aluno, alguém que trabalhou aqui no 3B's e que conseguiu fazer a sua carreira à custa de ter estado connosco cá na Universidade. Obviamente não é aquela vida pessoal que a maior parte das pessoas consideram vida pessoal, mas é alguma coisa que é extremamente interessante em termos pessoais.

Tento compatibilizar o melhor possível a vida profissional com a pessoal, obviamente, tenho mulher, tenho um filho, que às vezes são um pouco sacrificados com algumas destas coisas, mas entendem

que para se jogar em alguns campeonatos é preciso trabalhar mais, ter mais dedicação e sacrificar algumas coisas.

Às vezes não é o mais agradável porque não há agenda para aquilo que mais gostaríamos de fazer, mas faz parte das regras de jogo, não há outra maneira!

É o cientista português com mais artigos publicados em revistas internacionais e citado. Quais são estes números atualmente e o que significam para si?

O mais citado não sei se sou, é algo difícil de medir porque não há uma base de dados que diga que sou o mais, mas sou um dos mais citados e sou o que tem mais publicações.

Neste momento tenho cerca de 720 artigos na base de dados principal que é a ISI Web of Knowledge. Tenho mais de 12000 citações e um índice h de 56. Estes dados significam que, tendo em atenção a minha idade, o conseguir isto tão cedo é certamente um motivo de orgulho para mim e para toda a minha equipa que conseguiu construir este grupo e os outputs que nós temos.

Até podíamos publicar muito e ninguém ler, a ligação entre as duas coisas é que é importante (ter muitos artigos e artigos muito citados é qualquer coisa extraordinário). Tenho no último ano quase 2400 citações, que é um número muito difícil de conseguir a nível internacional, isso significa que os nossos trabalhos são usados pelos outros para desenvolverem os seus trabalhos, essa é coisa mais interessante para um cientista. E fazer isto com base na UMinho, num laboratório nas Taipas, sem eu nunca ter sido professor numa universidade estrangeira, não me ter doutorado numa das grandes universidades como muitos outros, é motivo de orgulho, é uma coisa que me orgulha a mim, a todos os que trabalham no 3B's, e à UMinho. As pessoas revêm-se no facto de terem aqui entre nós na UMinho, 3 ou 4 cientistas que são extremamente reconhecidos em termos mundiais, depois temos outros muito bons, mas 3 ou 4 que aparecem sempre no topo, e isso, acho que é extremamente interessante para a Universidade.

É um investigador reconhecido, lidera um dos melhores centros de investigação nacional e internacional. Qual o segredo do seu sucesso?

Sou relativamente mais reconhecido em termos internacionais do que nacionais. Isto porque, penso eu, a UMinho está muito a Norte (!), ou durante muito tempo eu não fazia parte das gerações que sempre controlaram determinados processos. Eu era demasiado novo para entrar naquele grupo, e depois há sempre a vantagem de dizer verdades e a desvantagem de dizer verdades, paga-se sempre um preço, ganha-se alguma coisa, mas também se perde alguma coisa, e durante muitos anos houve muitas dificuldades, foi preciso lutar contra o sistema instalado, isso cria alguns anticorpos, alguns problemas, mas eu acho que é esse o caminho, acho que é o que devemos fazer e temos também feito enquanto Universidade.

Quando não somos devidamente tratados quanto ao que fazemos não há que ter medo de assumir que não estamos a ser devidamente tratados pelo poder político ou pelas entidades financiadoras, seja por quem for. Vou continuar a fazer isso.

Quanto ao segredo do sucesso, é sempre uma coisa relativamente simples nestas áreas. Primeira coisa, muito trabalho. Segundo, muita ambição, (não achar que há coisas impossíveis só porque estamos em Braga ou Guimaraes ou nas Taipas ou em Portugal) podemos ser tão bons ou melhores que os outros naquilo que fazemos. Outra extremamente importante, é organização (somos muito mais organizados do que a maior parte dos grupos que trabalham nesta área em muitos países que as pessoas imaginariam que seriam muito mais organizados), o grupo 3B's tem uma certificação de qualidade para a nossa investigação, somos certificados (sistema de qualidade) como se fossemos uma empresa, o nosso processo de investigação é certificado por uma empresa internacional (sueca). Depois a palavra-chave é liderança (sem liderança forte, sem estratégia, nunca se vai a lado nenhum), e isto aplica-se a qualquer coisa, aplicando-se por exemplo à nossa reitoria, temos uma reitoria com liderança, uma equipa com qualidade, que quer fazer o seu trabalho e isso é muito importante.

Temos de ter objetivos, temos de ter metas, temos de ter vontade, temos de ter ambição, capacidade de trabalho, isso é o que nos pode levar ao sucesso. Se estivermos sossegados com certeza não chegamos lá.

O que significou para si o recente prémio Clemson da Sociedade Americana de Biomateriais?

Já ganhei muitos prémios, diversos prémios muito importantes, este tem uma característica diferente, porque é um prémio nos EUA, na principal Sociedade Americana dos Biomateriais, que é o que eu trabalho desde o final da minha licenciatura, desde 1990. É um prémio para as contribuições para a literatura, tem a ver com o número de artigos publicados, quantas vezes fomos citados, e é o reconhecimento pelos nossos pares, da qualidade, da quantidade, da produção científica que fomos capazes de gerar. Sendo um prémio dado nos EUA, a alguém que nunca trabalhou nos EUA, nunca estudou nos EUA, nunca foi professor visitante, vai muitas vezes aos EUA para participar em congressos ou para dar palestras em universidades, e por isso, conhecendo o sistema americano é extremamente difícil conseguir isso. É um prémio que por ser mais difícil e menos usual, porque tipicamente os europeus nunca conseguem (é a primeira vez que vai para alguém da Europa do sul) é qualquer coisa muito motivante e muito estimulante para toda a equipa que trabalha comigo e que percebe que é muito importante este tipo de prémio.

O que é preciso ser ou fazer para estar na sua equipa?

É preciso ser bom (claro que isto engloba um conjunto de critérios). Sempre que abrimos um lugar, há muita gente a concorrer, chegam-nos currículos dos mais diversos pontos do mundo (temos tipicamente pessoas de 22, 23 nacionalidades a trabalhar cá). Uma coisa muito importante é o perfil da pessoa, o que fez, o seu curriculum, a outra é a motivação que a pessoa tem para trabalhar no nosso grupo, se conhece o que nós fazemos, sabe exatamente que é para aqui que quer vir, podia ir para Oxford ou Cambridge, mas quer vir para aqui, sabe que Portugal não é o melhor sítio para vir neste momento, ou que as Caldas das Taipas não é bem a maior metrópole do mundo, mas sabe que saindo daqui com um doutoramento ou um pós-doutoramento vai conseguir um



desenvolvimento da sua carreira que lhe será muito útil quando regressar ao seu país ou se decidir ficar cá, esta questão da motivação é muito importante! Depois, a outra, é aquilo que eu chamo, de “pesca à linha” que é a certa altura precisamos de alguém com um know-how específico em qualquer coisa que não temos e então é quase como construir um “plantel” de uma equipa. Temos de ir buscar aquela pessoa que nos falta porque precisamos, e mesmo aí, às vezes temos três ou quatro possíveis e temos que escolher com base nos critérios que referi antes. Há sempre um equilíbrio entre estas duas coisas.

O Professor Rui Reis é um dos quatro vice-reitores da UMinho. Que funções tem a seu cargo e quais as expectativas para este novo desafio?

A minha função engloba toda a parte da gestão da investigação da UMinho, a gestão estratégica da investigação. Isto tem a ver com a forma como nos organizamos, os centros de investigação, como somos capazes ou não de ser mais competitivos em captar financiamentos nacionais e internacionais e até regionais, toda a parte das bolsas de investigação e a questão de sermos mais competitivos nessa área, o apoio a projetos, para que os nossos centros, os melhores, os piores, os com mais experiência, os com maior ou menor dimensão possam ser cada vez mais competitivos na procura de projetos, a parte do relacionamento com a Fundação para a Ciência e Tecnologia, a interação com o Instituto de Nanotecnologia... Portanto tudo o que tenha a ver com a investigação científica é basicamente o meu pelouro, a criação de projetos multidisciplinares que possam envolver diversas escolas, diversos institutos

e centros da Universidade para trabalharem juntos em grandes projetos, toda a parte da determinação da política em geral e organização das estruturas de investigação, **toda a parte que diga respeito à investigação, passa de certa forma por mim, é também o único pelouro que poderia aceitar na reitoria pois é aquilo de que realmente percebo.**

Estará na equipa reitoral até 2017. Quais são os principais objetivos do pelouro que lidera e o que espera ver concretizado até lá?

Os principais objetivos, em termos do programa da equipa reitoral são, melhorar de forma sistemática e sustentada os outputs científicos da UMinho. O que significa o número e a qualidade das nossas publicações e das nossas citações, a nossa capacidade de atrair talento, ou seja, tentar ir buscar melhores investigadores, não só nacionais mas certamente internacionais, o sermos capazes de captar mais financiamento em termos de concurso aberto, quer em termos nacionais mas particularmente em termos internacionais (porque hoje em dia nenhuma universidade pode ser competitiva sem ser capaz de aumentar as suas verbas próprias, criar melhores condições para que todas as unidades de investigação da UMinho sejam mais competitivas nestes concursos, porque têm apoio, têm consultoria, garantem que ninguém falha a chamada para um de-

terminado projeto por falta de informação ou porque não sabia que existia). Portanto uma política muito orientada para isso, melhorar as nossas infraestruturas de investigação (espero que durante este mandato seja possível ter mais alguns equipamentos, alguns edifícios, alguns equipamentos científicos de grande dimensão para que seja possível melhorar os nossos outputs científicos), ter grupos multidisciplinares a trabalhar juntos, ter melhores condições laboratoriais com outro tipo de competitividade a nível internacional, promover em colaboração com os meus colegas e com a pró-reitora da comunicação, divulgando a qualidade da ciência que se faz na UMinho e que isso seja claro para toda a gente, que os nossos estudantes atuais e antigos (ALUMNI) sintam orgulho na Universidade e pelo que nós fazemos... Basicamente, tudo que toca com a investigação está neste “pacote” e esperamos melhorar, em algumas coisas mais que outras, mas tentaremos melhorar em todos estes parâmetros, pois penso que não estamos mal, mas podemos estar muito melhor!

Umas das ideias para a UMinho é sermos sempre, em qualquer parâmetro, uma das três melhores universidades portuguesas, o que é sempre um desafio para uma universidade que não está no Porto ou em Lisboa.

No âmbito da sua tutela, quais são os projetos mais importantes a curto/médio prazo?

A externalização do apoio a projetos, que vai permitir que nos tornemos muito mais competitivos em projetos de grande dimensão. É uma coisa que já estamos a montar e que já está estabelecida. Também a interação com as entidades financiadoras de forma a conseguirmos, pelo menos não sairmos prejudicados em alguns processos, o ajudarmos a montar tudo que é a investigação no Norte 2020, Portugal 2020, planearmos a participação nos programas europeus do horizonte 2020, toda a parte do gabinete de apoio a projetos para que funcionem de forma mais eficiente e com melhores resultados, e a divulgação do que fazemos bem.

Como avalia o desempenho da UMinho na área da Investigação nestes últimos anos?

Temos vindo a crescer muito e bem, e de forma sustentada. Neste momento a UMinho já é 9,4% da produção científica portuguesa, um número que se o normalizássemos ao tamanho da Universidade, ao número de docentes e investigadores, é qualquer coisa de impressionante!

Temos também alguns dos cientistas de maior renome em Portugal, coisa que seria impensável aqui a uma ou duas décadas, a Universidade tem centros extremamente bem avaliados e referenciados nas nossas avaliações nacionais, mas também reconhecidos internacionalmente. A UMinho tem feito um percurso muito interessante em termos científicos, mas que tem ao mesmo tempo a vantagem de que nós, se calhar conseguimos melhor que os outros a ligação ao tecido envolvente, a ligação Universidade-Indústria (porque somos das universidades que gera mais patentes anualmente, senão mesmo a

que gera mais patentes nacionais e internacionais), toda a parte do que tem nascido da investigação em termos de spin-offs e start-ups, e o emprego que estas geram. Temos como resultado da investigação e das pessoas que treinamos nos nossos mestrados e doutoramentos, educado muita gente que está neste momento empregada em algumas das melhores empresas nacionais e internacionais, em organizações internacionais, e portanto parece-me que quando assumimos que a UMinho iria ser uma Universidade de investigação, que é uma definição internacional e é uma das nossas prioridades, e isso significa que em todos os nossos projetos de ensino as pessoas têm de ter durante o seu processo de aprendizagem alguma ligação à investigação, e à custa de termos investigação de qualidade vamos ensinar melhor os nossos alunos (sejam de 1º, 2º, ou 3º ciclo vão ser melhor treinados porque temos melhor investigação). Fez-se essa mudança de paradigma, e à custa disso temos evoluído muito no sentido positivo, quer na investigação, quer em todo o ensino ligado à investigação, portanto parece-nos que foi uma aposta que está a ser ganhadora e queremos melhorar ainda mais.

Se calhar, pelo que temos feito poderíamos ser muito mais reconhecidos pelas entidades nacionais relativamente ao que hoje são os nossos outputs, mas também aí poderemos melhorar muito mais e é nisso que estamos a trabalhar.

A minha estratégia em termos de reitoria é, que nós devemos ser facilitadores de oportunidades, ajudar a criar programas que depois com a iniciativa das pessoas, (porque estas coisas não se fazem com a reitoria a dizer vamos fazer assim e assim), as pessoas que estão no terreno é que têm de ter planos, de saber o que querem fazer, têm de fazer propostas, candidaturas, ideias para novos programas, novos edifícios, novos equipamentos, é isso que nós vamos ajudar. Vamos em alguns casos desafiar as pessoas a fazer, mas será muito mais “bottom-up”, no sentido de que tem de nascer das pessoas que querem fazer, terem dedicação e nós certamente vamos apoiar, vamos pôr as coisas a andar, é a ideia que eu tenho neste tipo de funções.

Pretende também ser a universidade portuguesa com maior impacto no desenvolvimento socioeconómico. Qual a sua opinião sobre a relação entre a investigação e as empresas em Portugal?

Há muita coisa a melhorar. Há casos extremamente interessantes e de sucesso, alguns dos sucessos são as pequenas empresas de base tecnológica que estão a nascer, criadas por pessoas que acabam de sair da universidade e com o que fizeram nos seus mestrados, nos seus doutoramentos, criam a sua pequena empresa. Temos alguns grandes sucessos nessa área, o que a meu ver está relacionado com a capacidade das universidades gerarem cada vez mais conhecimento, mas comecem a protegê-lo com patentes e depois valorizá-lo, licenciando ou utilizando para a criação da sua empresa. Depois há também em algumas áreas específicas uma relação contratualizada entre empresas e a Universidade, ou grupos de investigação da Universidade ou Centros que fazem investigação sob contrato para aquela empresa, e em muitos casos são empresas tradicionais que inovam à custa de, em vez de tentarem criar internamente equipas de investigação e onde às vezes nunca teriam capacidades sem investimentos brutais em equipamentos e recursos humanos, subcontratam as universidades ou os centros de investigação, ou as entidades de interface, e à custa disso geram conhecimento, em muitos casos patentes, inovam em processos, criam novos produtos, e há muitos mais casos destes do que as pessoas possam imaginar! A UMinho aí, é certamente uma das melhores universidades portuguesas em qualquer critério, em termos da interação que temos com empresas, quer



as mais tradicionais, quer as mais de ponta, porque temos uma cobertura do nosso espectro de investigação que dá para trabalhar com os mais diversos tipos de área, mas isso acontece cada vez mais porque a política sempre foi de valorizar isso, enquanto que noutras universidades às vezes isso era quase mal visto! Hoje isto mudou muito, e aqui na UMinho sempre houve uma lógica de que era bom trabalhar com as empresas da região, e com o tempo foi-se alargando às empresas de Portugal inteiro, e agora cada vez com muitas empresas internacionais que vêm que nós temos qualidade na investigação que fazemos, e que nos contratam para fazermos “aquela” investigação.

A investigação e a ciência é sem dúvida uma das vertentes chave das universidades. Qual a sua opinião sobre a recente alteração à atribuição das bolsas de investigação científica?

Temos muitos problemas na política científica portuguesa, e não é só na atribuição de bolsas, mas é claro que o problema da atribuição de bolsas é extremamente grave, no sentido de que, como muitas outras medidas não foi discutido com a comunidade científica e foi decidido sem qualquer discussão que iam existir grandes cortes. Depois houve uma aposta em programas doutorais cortando nas bolsas individuais, o que sendo discutível até poderia estar bem se tem financiado os melhores programas doutorais, coisa que em muitos casos não foi o que aconteceu! Por outro lado, é muito mais uma questão ideológica do que financeira, ao contrário do que se tenta convencer as pessoas, porque os cortes originais nas bolsas (depois houve um recuo porque se conseguiu umas verbas do ministério da economia e conseguiu-se dar mais algumas bolsas) significariam qualquer coisa se dessem mais 1000 bolsas de doutoramento e mais 1000 bolsas de pós-doutoramento, que é um número brutal comparado com as que foram dadas, custava 30 milhões de Euros por ano. Em quantas coisas este país se gasta 30 milhões por ano que têm um efeito que é absolutamente incomparável e residual em termos do que é o país, do que é investir em investigação e desenvolvimento e na qualificação dos nossos recursos humanos? Já nem digo em manter, já que há pessoas que são absolutamente críticas para o sistema e que podem-nos tornar muito menos competitivos e depois vamos perder este dinheiro que não investimos ao não sermos capazes de ir buscar financiamento a Bruxelas.

Portanto depois acabamos por ser financiadores dos grandes países, porque a nossa con-

tribuição para o orçamento da investigação de Bruxelas é superior ao dinheiro que os nossos investigadores são capazes de ir buscar.

Qual pensa ser a ideia/objetivos do Governo em relação à investigação científica em Portugal?

Acho que basicamente não há nenhuma política muito estruturada para a investigação científica.

A simples situação de que ao contrário do que existiu durante muito tempo, em que havia um ministro, e um ministro com o peso do professor Mariano Gago, com quem eu tive discordância muitas vezes, e por tanto estou à vontade para falar, mas que de facto fez toda a estrutura do que é o nosso sistema científico e tecnológico atualmente.

Hoje em dia temos um ministro da educação que se chama da educação e da ciência mas que é um ministro da educação não superior!

Pois quando chegamos ao superior e à ciência parece que já não é nada com ele, e depois temos uma secretária de estado da ciência, que tem um problema, a começar, em ser secretária de estado, porque depois vai reunir com ministros na Europa e, ir um ministro ou um secretário de estado é muito diferente, e estamos logo a perder com isso. Para além disso não se compara o peso político mesmo no interior do Governo, pois o antigo ministro era uma pessoa de grande peso, até pelos anos que lá esteve. Portanto, temos um conjunto de questões de peso político, depois temos algumas questões ideológicas que não se percebe muito bem, dando a entender muitas vezes que os cientistas e os investigadores são assim tipo “uns parasitas” da sociedade, e se entende com muita dificuldade a utilidade do que eles estão a fazer, que é exatamente o contrário do que eu acho. Depois há uns mentores da ciência que são de uma determinada origem e de uma determinada polarização geográfica, em que tudo tende a ficar nessa polarização e portanto, nós aqui no norte temos alguma dificuldade em lidar com essa situação.

No seu entender como deveria ser feito o financiamento da ciência em Portugal?

O financiamento da ciência deveria ser feito, como é em qualquer parte do mundo, com base na qualidade, no mérito científico e na avaliação pelos pares, com critérios muito claros, transparentes, com avaliadores de qualidade. Sendo que o que estou a dizer provavelmente é o que está nos documentos e o que é dito no discurso, mas não o que é feito na realidade! Porque em muitos casos o que vemos é que, grupos que são muito melhores que os outros não são financiados e os outros são, portanto, alguma coisa está errada e não é o que acontece, por exemplo no European Research Council, onde são os melhores que são financiados. Alguma coisa está errada em termos políticos e no sistema de avaliação. Depois o outro problema que existe é que continua a haver a utilização das verbas regionais para pagar a investigação mais ligada às regiões de convergência, enquanto que o orçamento geral do Estado é usado, por exemplo, para pagar a investigação em Lisboa, e isso é um problema, porque nós somos tão portugueses como os outros. Somos região de convergência porque estamos atrasados, é um dado estatístico real, e portanto temos direito às verbas dos fundos estruturais porque precisamos de convergir e devemos ter direito ao mesmo orçamento geral do estado porque contribuimos com os com os nossos impostos como todos os outros. Como isto não se resolve temos sempre este problema, e penso que seria muito importante criar aqui algum equilíbrio nesta situação, coisa que nunca foi possível nestes últimos anos.

O país tem sabido aproveitar a ciência e a investigação produzida nas universidades?

Há bons exemplos de sucesso e coisas que estão a funcionar muito bem. Acho que por culpa de todas as partes, há atividades muito interessantes que são feitas nas universidades que não são suficientemente divulgadas. Os investigadores às vezes fecham-se um pouco sobre si mesmos, às vezes as empresas não estão suficientemente abertas, e existe sempre aquela ideia de que o que é feito lá fora é sempre melhor. Aquela ideia de que o MIT é melhor do que a UMinho em todas as áreas não é verdade, há muitas coisas em que nós somos muito bons e portanto, é preciso perceber os nichos, e às vezes o país não tem sabido valorizar tanto o que se faz nas universidades. Por outro lado, as universidades atravessam situações muito difíceis, porque a situação orçamental é a que é, cortes sistemáticos feitos à última da hora, de que ninguém sabe, e portanto, conseguir manter as coisas a funcionar e conseguir fazer ciência de qualidade é muitas vezes muito difícil.

Acaba por haver uma pressão muito grande para irmos buscar financiamento, o que pode fazer com que aconteça muitas vezes, em que a gente não vai fazer aquela ciência que poderia ser mais útil ao país no longo prazo, mas vai fazer aquilo que nos garanta algum financiamento para subsistirmos no curto prazo. Portanto devia haver mais equilíbrio entre os mecanismos do curto e do longo prazo. Falta-nos muito a visão estratégica dos financiamentos.



Qual a sua opinião sobre a tutela do ensino superior?

O ensino superior não é a principal prioridade do ministério da educação e ciência, se calhar até não tinha que ser, mas pelo menos tinha de ser ao mesmo nível da educação básica e secundária, e a ciência tinha que estar ao mesmo nível do ensino superior. Depois há a penetração sistemática na autonomia das universidades que são certamente as instituições públicas mais bem geridas em Portugal. É muito estranho tomar medidas sem discutir com os reitores, com o conselho de reitores, de forma sistemática, anunciar que se vai resolver e depois não se resolve, depois vem outro corte... não nos permitir planejar as coisas com algum tempo, numa base plurianual, o criarem-se mecanismos que seriam de que vamos trabalhar em regimes mais flexíveis como a organização fundacional, depois esta já não existe, depois cria-se uma lei, depois retira-se... tem criado grandes problemas ao ensino superior.

Não me parece que de facto esta tutela esteja a funcionar devidamente e com vantagens para o ensino superior português.

O 3B's tem atualmente algum grande projeto em mãos?

Tem o meu projeto do European Research Council, o Concelho Europeu de Investigação, que é o projeto "ComplexiTE – significa complexidade na engenharia de tecidos, que olha para a interação dos diversos parâmetros que estão envolvidos na regeneração de um determinado tecido, é um projeto extremamente importante, de grande dimensão e dos mais difíceis de conseguir em termos internacionais, e dos mais conceituados em termos europeus, ao qual foram atribuídos 2.35 milhões de euros.

Temos outro projeto que se chama POLARIS, que pretende potenciar a excelência da investigação do 3B's-UMinho, fortalecendo as suas atividades na área da Nano medicina, que permitiu obter um dos maiores financiamentos de sempre (o segundo maior de sempre) para um projeto de Investigação Científica Português, que tem um orçamento global de 3.15 Milhões de Euros, um projeto em que estamos a trabalhar com o apoio de quatro instituições internacionais, a desenvolver novas abordagens em que estamos a usar Nano partículas, usamos péptidos (proteínas muito pequeninas), tudo que à Nano escala pode ter um efeito na medicina. Estes são os maiores projetos em termos de finan-

ciamento, mas temos também, e é neste momento uma das nossas áreas principais, a utilização de recursos marinhos. Percebemos há algum tempo que o mar era uma área cada vez mais importante na investigação e particularmente num país como o nosso. É um projeto de utilização de recursos marinhos para aplicações médicas, cosméticas e farmacêuticas. Estes têm gerado projetos transfronteiriços com a Galiza, no espaço euro-atlântico, e grandes projetos europeus em que temos conseguido utilizar estes recursos, criar propriedade intelectual e criar publicações extremamente interessantes que eu acho que podem ter muita aplicação no futuro.

Como é liderar esta equipa e quais os maiores desafios?

Liderar a equipa é relativamente fácil. É um trabalho diário, uma coisa que eu gosto muito de fazer, basicamente o maior trabalho é ser capaz de decidir, mas decidir informado, perceber o que é que está em causa, em vez de tomar decisões quase só por impulso (que também são importantes, por vezes temos de decidir arriscar ou não arriscar), mas decisões informadas.

Depois a outra é motivar, é uma equipa muito grande que precisa ao mesmo tempo de ter alguma competição interna, mas ter as pessoas a perceber que estão naquele processo porque são as melhores e por isso mantê-las motivadas (o que é muito difícil porque nós aqui não temos instrumentos financeiros, os salários são fixos, as bolsas são fixas e por isso eu não posso premiar através disso, tem de ser muito na base da palmada nas costas, o que às vezes não é fácil). Nesta questão da motivação muitas vezes ajudam muito os prémios, o reconhecimento, os projetos que conseguimos, mas é muito nessa linha. Depois a outra, talvez a maior diferença do meu tipo de gestão é que eu muitas vezes escolho a pessoa para fazer determinada tarefa porque aquela pessoa é a melhor para fazer aquilo, mesmo que essa já tenha 25 tarefas e a do lado só tenha uma. Noutros modelos a lógica é tentar dividir as tarefas por toda a gente, se calhar é muito chato para a pessoa que já tem 25 tarefas, mas ela percebe que está a ser escolhida porque é de facto a melhor pessoa para fazer aquilo e portanto vai fazer aquilo muito melhor, se calhar vai ter que se sacrificar, se calhar vai ter muito pouca vida pessoal, mas percebe que está naquele processo porque é a pessoa certa.

Temos localizado ao lado do Campus de Gualtar o INL. Como é a atual colaboração com o Instituto?

Já existem neste momento alguns investigadores da UMinho que estão quase residentes no INL, temos alguns protocolos de colaboração. O INL tem equipa-

mentos e laboratórios extremamente interessantes, e obviamente estando ali ao lado faz todo o sentido que tenha uma colaboração preferencial com a UMinho. Mas neste momento a situação ainda é bastante insípida. Há boa vontade de ambas as partes, queremos fazer, queremos aumentar a interação, mas não se nota ainda um efeito mensurável em que se possa dizer que a colaboração com o INL está a elevar significativamente os outputs da Universidade e vice-versa. É claro que faz parte dos meus objetivos, faz parte da minha pasta tentar melhorar e criar melhores mecanismos para que haja quase uma simbiose, em que haja investigadores a trabalhar com o INL, porque, por um lado, muitas das áreas de investigação se tocam e por outro, porque estamos muito perto e faz todo o sentido que os investigadores da Universidade trabalhem com o INL.

Há ali um grande investimento do Governo português e do Norte, e por isso acho que o INL tem de servir o programa de desenvolvimento da ciência portuguesa e a região, e estando perto da UMinho temos de ser um parceiro institucional privilegiado.

Há alguma mensagem que gostasse de deixar a quem ambiciona seguir a área da investigação?

Que se comece a interessar pela investigação o mais cedo possível. Desde o primeiro ano do seu curso, que tenha curiosidade, que leia os jornais, as revistas, que veja documentários, que aproveite estar no ambiente universitário para tentar perceber e ver o que se faz. É muito interessante que haja por parte dos alunos universitários e até antes de o serem, interesse em perceber e saber o que se faz. Embora existam alguns programas já institucionalizados de atividades e visitas, acho que tem de nascer da própria pessoa ter aquele interesse, ter a curiosidade e não achar que os cientistas são uns malucos. Devem querer perceber o que os cientistas fazem, porque se dedicam à ciência, qual a vantagem que isso pode ter. **Acho que era extremamente interessante que houvesse mais gente interessada na ciência...**

Dádiva de Sangue e Recolha de Sangue para a Análise de Medula

“Solidariedade” foi palavra de ordem no Campus de Gualtar

O Campus de Gualtar da Universidade do Minho foi palco no passado dia 25 de março de mais uma Dádiva de Sangue e Recolha de Sangue para a Análise de Medula, esta foi a segunda colheita deste ano letivo em Braga, a qual contou com uma excelente contribuição da comunidade académica que mostrou a sua solidariedade com 319 dadores inscritos e 59 Recolhas de Sangue para Análise de Medula.

MARTA BORGES
dicas@sas.uminho.pt

Esta ação organizada pelos Serviços de Ação Social da Universidade do Minho (SASUM) e pela Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM), em cooperação com o Instituto Português do Sangue e com o Centro de Histocompatibilidade da região norte, teve como “centro de operações” a nave principal do Complexo Desportivo Universitário e o apoio de duas unidades móveis, situadas junto ao Prometeu e entre os Complexos Pedagógicos 2 e 3.

Michael Ribeiro, técnico desportivo do DDC-SASUM e responsável pela Recolha de hoje, relata que a preparação desta atividade começou há cerca de três semanas com a sua divulgação e a contratação dos

técnicos para os diferentes locais. A montagem de todo o equipamento na nave teve lugar na noite de ontem e “no final da tarde é necessário fazer a desmontagem o mais rápido possível, para assegurar o normal funcionamento das atividades programadas para o espaço no final da tarde”.

Durante todo o dia, alunos, funcionários docentes e não docentes tiveram oportunidade de fazer a sua contribuição para esta tão nobre causa. “A manhã foi pouco concorrida relativamente a anos anteriores”, como notou Albina Oliveira, coordenadora da equipa do Instituto Português do Sangue, mas a tarde trouxe consigo mais dadores e a ação foi mais uma vez um sucesso, um grande passo para que a UMinho continue a liderar o ranking nacional de dadores nas instituições de ensino superior.

Alexandra Cardoso, assistente operacional do Instituto Português do Sangue, falou sobre os passos a percorrer para se ser dador de sangue, sendo essencial ser saudável e ter no mínimo 18 anos e 50 kg. Depois, as pessoas que cumprem estes requisitos e que se dirigem às unidades de Recolha com vontade de dar sangue preenchem questionários relativos ao seu estado de saúde, passam por uma triagem

médica e se estiverem em condições de dar sangue nesse momento inicia-se então a Recolha, que pode ser simultaneamente de sangue e de análise da medula.

Rita Martins, aluna do 4º ano do Mestrado Integrado em Psicologia, esteve pela primeira vez a dar sangue e disse ser importante “ajudar os outros, pois mesmo sem saber podemos estar a salvar vidas e é sempre bom”.

Já Sandrina Ribeiro, aluna do 1º ano do Mestrado em Direito Administrativo, repete a experiência de ser dadora pela terceira vez, tendo-se mantido de ano para ano desde que foi levada à Recolha pelos seus doutores no primeiro ano. A aluna destaca a solidariedade do ato e acrescenta “não custa nada dar e há tanta gente a precisar.”



Ana Sofia e Inês Braga do 3º ano do Mestrado Integrado em Medicina consideram esta Recolha como a “última oportunidade” que têm de poder dar a sua contribuição, uma vez que depois serão incluídas no grupo de alto risco formado por pessoal das áreas da saúde e deixarão de poder dar sangue.

Os alunos do Campus de Azurém têm a oportunidade de na próxima terça-feira, 1 de abril se mostrarem também solidários.

32º aniversário da EEG

EEG com os olhos postos no futuro

A Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho (EEG) celebrou o seu 32º aniversário no passado dia 10 de março, numa cerimónia em que se celebrou o percurso da EEG. A cerimónia teve início com a apresentação de um vídeo que destacou a evolução da Escola, o seu crescimento, as parcerias e ainda o nível de internacionalização da mesma.

ANA TEIXEIRA
dicas@sas.uminho.pt

O presidente da EEG, Rocha Amada, no seu discurso apresentou um projeto, chamado “UMinho Exek” que pretende criar uma nova forma de ensino, aproveitando os recursos materiais e pessoais da Escola. Assim, o investimento é mais baixo o que facilita a sua aplicação, no entanto, precisa de algum investimento. O Reitor, António Cunha disse que a reitoria considerou o projeto importante e anotou a necessidade de investimento, referindo que “o futuro de cada um e da UMinho passa por apostar nestes

projetos”, reforçando ainda que “o modo como ensinamos vai mudar e vai exigir mudanças do corpo docente, sendo que a UMinho está a trabalhar para essas mudanças”.

António Cunha destacou ainda os “indicadores interessantes da investigação” da Escola, sublinhando o percurso feito.

Em tempos de crise, a conjuntura económica não foi esquecida, referindo e o Reitor que o futuro traz novos desafios mas que “vivemos confrontados pelos tempos que vivemos”, sublinhando ainda que “os tempos são o que são, em Portugal e na Europa e esta vai perdendo o lugar que já teve no mundo”. Indo de encontro ao que tinha referido no 40º aniversário da UMinho, renovou o desejo de que a Universidade “precisa de autonomia” mesmo que isso traga responsabilidades, algo que a UMinho concorda.

Ainda no âmbito das comemorações, o professor Mi-

guel José Ribeiro Cadilhe da Universidade Católica Portuguesa proferiu a palestra intitulada “Reformar o Estado”. Miguel Cadilhe referiu que a reforma do estado já vem tarde e que está mal, defendendo que, assim como está planeada, não devia ter aparecido. “A reforma do Estado deveria ser definitiva” e nesta “não se encontra uma única referência à descentralização política, como a constituição manda”, referiu. Para o professor, a reforma do estado apresentada é centralista e que não há nada previsto para aproximar o poder central dos concelhos. Afirmando ainda que Portugal está num patamar excessivo em termos de carga fiscal, “acima do que é razoável”. Relativamente à questão das rescisões que o governo pretende levar a cabo, considera importante perceber as consequências económicas desse processo, isto porque se as rescisões foram “feitas com dignidade”, o peso económico é muito elevado.

Miguel Cadilhe referiu ainda que Portugal tem 20 anos para baixar a dívida até atingir os patamares que as regras europeias definem. Par que isso



aconteça, Portugal não precisa só de austeridade, “é preciso investir e o investimento está nas ruas da amargura”, acrescentou. O investigador defende que Portugal tem de ir à Europa pedir compreensão relativamente à sua situação e conceder a Portugal exceções e não subsídios.

A cerimónia terminou com a entrega de cartas de curso, bolsas de mérito e o Prémio de Investigação da EEG 2013, concedido a Cristina Amado pela investigação nas políticas económicas e com uma sessão poética realizada por atores de um grupo de teatro amador.

O Capital está na Juventude

O Seminário “Capital da Juventude”, organizado pelo Liftoff, mobilizou na passada quarta 19, de março, estudantes de diferentes cursos para o auditório B1 do Complexo Pedagógico II. Ao longo dos três painéis que constituíram o seminário, destinado à discussão das potencialidades e dificuldades dos jovens de hoje, ficou patente a ideia de que “o capital está dentro de nós”.

MARTA BORGES
dicas@sas.uminho.pt

No primeiro painel, subordinado ao tema “Recursos capitais e estratégias para o sucesso”, os oradores Ângela Pereira (Biobrásica), António Vieira (Webproductise) e Miguel Gonçalves (Spark Agency) aponta-

ram a sustentabilidade, a persistência e a capacidade de mover recursos como primordiais num mundo onde “entre mil ideias é criado apenas um negócio”.

Destacaram também a importância do “saber fazer” e de conhecer o mundo, aconselhando todos a aprender a trabalhar nas empresas de outros, a explorar possibilidades sem medo de errar e, a viajar. No painel “Jovens do futuro”, os oradores Ivo Rainha (CV sobre Rodas), José Neto (We are matéria) e Ricardo Almendra (Firemap), sublinharam o papel da persistência e a capacidade de desenrasque. Como disse José Neto “o empreendedorismo está politizado” e para vencer temos de saber escolher, o que pode ser difícil quando somos jovens e há tantas possibilidades em aberto.

No terceiro e último painel a conversa girou em torno dos “Sonhos da Juventude”, para isso Miguel Araújo (Azeitonas), Alexandre Mendes (Factory) e Francisco Pereira (FermentUM) partilharam os seus sonhos e o percurso que fizeram até agora. Miguel Araújo falou sobre as coincidências que o levaram a ser o músico que é hoje, Alexandre Mendes dos “part-time chunga” que teve de fazer enquanto estudava e que o ajudaram a “ligar à realidade” e Francisco Pereira, do objectivo de ter uma carreira académica e do recente projeto da cerveja artesanal do Minho (Letra), em parceria com Filipe Macieira.

Para realizar os sonhos todos consideraram essencial ter foco e precisão, para além de criatividade e a exposição das ideias a quem nos escute, pois sabe-

mos que “é difícil dar valor a quem nos é próximo”. Encorajaram ainda os presentes a “não desistir de sonhar” e a serem capazes de tomar decisões por conta própria.



“O futuro da Informação Televisiva”

RTP, SIC e TVI estiveram na UMinho para debater o futuro da televisão

Os diretores de informação dos três canais generalistas da televisão portuguesa debateram na UMinho o futuro da informação televisiva. A iniciativa decorrida no âmbito das comemorações do aniversário da UMinho teve lugar na reitoria da Universidade do Minho, no passado dia 27 de fevereiro.

ANA TEIXEIRA
dicas@sas.uminho.pt

José Manuel Portugal, Alcides Vieira e José Alberto Carvalho, respetivamente RTP, SIC e TVI foram os oradores convidados da conferência intitulada “UM Futuro – Pensar a Televisão” que foi moderada por Nuno Azinheira da Notícias TV e Felisbela Lopes, professora na Universidade e pró-reitora para a Comunicação da UMinho.

Nesta conferência, os três diretores concordaram que a informação tem futuro na televisão, referindo até que as televisões “nunca tiveram tanta informação como agora”. Segundo Alcides Vieira, os três canais concentram entre as 20h00 e as 21h30, o melhor da informação que têm, sendo que para este “um jornal com a duração de 1h30 só faz sentido dependendo da informação que se tem.

Contrariando um pouco esta ideia, José Alberto Carvalho referiu que, se num país onde vivem 10 milhões de pessoas, e onde há matéria suficiente para ter três canais de informação minuto a minuto, também haverá “matéria para um noticiário que dura mais de uma hora” afirmou. Mas neste aspeto, o diretor da TVI reforçou a ideia dizendo que para que isso aconteça, esse espaço informativo dos canais generalistas “têm de ter algo mais, como espaço para o debate, para refletir, para acrescentar valor ao que se passa nos canais pagos”.

Para além desta ideia, o diretor de informação da SIC afirmou ainda que os jornais “já não são apenas espaços de notícias, cada um tem agendas criativas” que dão destaque aos acontecimentos conforme os seus critérios.

Face à importância da informação nos dias de hoje, que já levou à criação para além dos momentos informativos dos canais generalistas, à criação de canais pagos que são apenas noticiosos, apesar de vivermos a chamada “era da informação”, as pessoas “nunca viveram tão desinformados como agora”, opinião partilhada pelos oradores, este paradoxo foi considerado perigoso pelos três diretores de informação. Talvez por isso “o futuro do jornalismo passe pela seleção, pela qualidade, pela diferenciação” e por definir o público que se quer servir e fornecer-lhe conteúdos de qualidade.

A televisão portuguesa é vista por muitos como centralizada em Lisboa, opinião partilhada pelos oradores que a justificaram como refletindo “a realidade social”, uma vez que as sedes do poder político, económico e jurídico estão na capital. No entanto, estes responsáveis informativos reforçaram que as televisões vão buscar aquilo que lhes parece interessante e, se houver um acontecimento relevante em Braga, é obrigatório estar em lá. No entanto, os meios de comunicação generalistas não conseguem falar de tudo o que se passa no país, e talvez por isso, José Alberto Carvalho tenha referido que “há uma grande oportunidade de negócio e profissão na imprensa regional”.

As novas tecnologias e as redes sociais estiveram também em foco, relativamente a esta realidade, Alcides Vieira afirmou que o “digital vai obrigar as redações a repensar a forma como se faz jornalismo”, uma vez que é necessário adaptar o jornalismo tradicional às novas plataformas.

Apesar dos três diretores de informação concordarem com a importância de estar nos novos palcos de discussão, ainda é uma aposta cara, um investimento sem retorno. No entanto, “a televisão só pode tirar partido da rede, não é inimiga, complementam-se e enriquecem-se”, referiu o diretor de informação da SIC. Além disso, muitas vezes as discussões que acontecem nas redes sociais surgem da televisão, dos jornais, de entrevistas e, por isso, “os agentes políticos preocupam-se mais com o facebook do que com os jornalistas, utilizam-no para informação e contra informação”, afirmou José Alberto Carvalho.

Esta iniciativa resultou de uma parceria DN/JN, em que a Notícias TV está a organizar um ciclo de debates intitulados “Encontros Notícias TV” que vai percorrer mais universidades.



“UM futuro para a Economia”

UMinho discutiu futuro da Economia

Na passada quarta-feira, dia 5 de março, realizou-se a sessão “UM futuro para a Economia”, no âmbito da celebração dos 40 anos da Universidade do Minho (UMinho). O evento teve lugar na Reitoria da UMinho, em Braga pelas 18h00. O mesmo contou com a participação de Daniel Bessa (COTEC Portugal) e de Alexandre Soares dos Santos (Jerónimo Martins) sendo o moderador da sessão, o Professor Manuel Caldeira Cabral da Universidade do Minho.

BÁRBARA MARTINS
dicas@sas.uminho.pt

Alexandre Soares dos Santos destacou a necessidade de inovação por parte das universidades, referindo que “As universidades têm que cortar porque não há, mas devem dizer basta e apresentar ao país planos”. Acrescentado ainda que “Nós precisamos de ser aconselhados. Não podemos estar nesta sociedade bairrista de Lisboa”.

Outro dos temas foi a questão da saída da sede de muitas empresas portuguesas de Portugal, bem como o do processo de privatização e de fusão das empresas.

A situação económica portuguesa e a forma como ela é gerida foram outros temas abordados nesta conferência. “Gastamos dinheiro quando o temos e depois andamos a pedir ajuda aos outros”, afir-

mou Alexandre Santos. Reforçando ainda que “O Estado gasta e ninguém controla”. Ainda sobre a situação económica do país, o mesmo afirmou que “Não podemos estar sempre a pedir ao governo subsídios para isto e para aquilo, temos que impor a nossa vontade e fazer valer os nossos direitos na AR”. Mostrando o seu desânimo, o representante da Jerónimo Martins comentou: “Nunca houve um 1º ministro que me chamasse para discutir a nossa proposta”. Tal como não podia deixar de ser, a austeridade esteve em “foco” no debate. Daniel Bessa falou sobre as questões fiscais em Portugal e do panorama europeu. O Diretor geral da COTEC Portugal lembrou o caso de empresas portuguesas que mudaram a sua sede para noutros países para evitar impostos. Ainda na mesma linha, abordou-se o possível programa cauteloso e as relações políticas que podem sair daí. “Não sei se alguém pode olhar para o país com certeza”, disse Daniel Bessa, e continuando afirmou que “Se alguma coisa nos divide é o grau de confiança, com o governo a evidenciar uma confiança excessiva apoiando-se em fatores que são efetivamente positivos, mas não tanto”. O final desta conferência foi marcado por uma sessão de perguntas e de esclarecimento de dúvidas. No âmbito das comemorações do 40º aniversário da UMinho, esta sessão foi a segunda do ciclo de conferências que a UM irá a promover até Outubro.

tsi.2.market'14

“Mexe-te”

Abril

7 CATSIUM - Concurso de casos

9:30 Sessão de abertura || 10:00 Empresas 1

11:20 Workshop “Simulação entrevista” \ 11:30 Crowdsourcing

8

14:00 Empresas 2 || 15:30 Conferência BPM com grandes empresas a nível nacional. Moderador: Rui Dinis Sousa

9:30 Sessão F3M || 10:00 Dem. Produto Microsoft \ Mostra o que vales

11:30 Debate Segurança nos SI. Orador: Filipe de Sá-Soares

14:00 Empresas 3 || 15:30 Do you want to be a Noogle? Google

17:30 Apresentação CATSIUM \ Shark tank

9:30 Sessão InovaRia || 10:00 Empresas 4 \ Mostra o que vales

11:20 Workshop “Redigir o CV ideal” || 11:20 Microsoft Power BI

10

14:00 Empresas 5 || 15:30 Conferência Big Data com grandes empresas, Maribel Santos e Henrique Santos || 18:00 Encerramento || 19:00 Jantar

Com o apoio de:

Departamento de Sistemas de Informação,
Escola de Engenharia, Campus de Azarém
Universidade do Minho, 4800 - 058 Guimarães
E-mail: aissc@dsi.uminho.pt
Facebook: facebook.com/AISSCUMINHO

RoboParty 2014

8ª edição do evento juntou 450 jovens e 109 equipas

2014 recebeu a 8ª edição da RoboParty, um dos eventos de maior projeção nacional e internacional da Universidade do Minho (UMinho), que este ano acolheu cerca de 450 jovens e 109 equipas inscritas, que durante três dias construíram, programaram e se divertiram com os robôs que colocaram em pleno funcionamento.

ANA MARQUES
anac@sas.uminho.pt

Com foco nas atividades de automação e robótica, o evento foi muito mais que isso, incluindo atividades desportivas, culturais, musica, palestras e workshops, não esquecendo a aventura de ter de dormir em sacos de cama num pavilhão desportivo, trabalhar horas e horas seguidas, sendo que os mais resistentes passaram mesmo noites sem dormir!

E assim foi a aventura RoboParty 2014 que decorreu de 6 a 8 de março. Com a chegada das equipas, pouco a pouco o Complexo Desportivo da UMinho em Azurém foi-se enchendo de vida e muitas expectativas. Com os jovens participantes a rondarem entre os 10 e os 18 anos, o evento contou também com participações internacionais, com uma equipa vinda diretamente dos Estados Unidos da América. Entre as quase cinco centenas de participantes, esteve Fábio que veio da Secundária de Gondomar. Este aluno do 12º ano participou pelo segundo ano no evento, o qual é na sua opinião “muito interessante” e mais ainda porque quer entrar num curso da área agora que vai concorrer à universidade “estas são experiências muito importantes para nós” disse.

Tendo iniciado com a cerimónia de abertura no dia

6, na qual estiveram presentes, o Reitor da UMinho, António Cunha, o Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Domingos Bragança, o Presidente da Escola de Engenharia, João Monteiro, o Presidente da Sociedade Portuguesa de Robótica, Luis Paulo Reis, o Diretor do Centro Algoritmi, Ricardo Machado, o representante do Departamento de Eletrónica Industrial, Luis Gonçalves, para além dos representantes da empresa SAR – Soluções de Automação e Robótica, Lda, parceiros na organização deste evento.

De seguida, e sem tempo a perder, as equipas tiveram a formação/explicação de como deveriam construir o robô, sendo-lhe entregue o Kit 100% Português e compatível com Arduino, Bot'n Roll ONE A, desenvolvido pela empresa spin-off da Universidade do Minho - SAR. Após isto, as equipas dirigiram-se às suas mesas de trabalho e rapidamente colocaram mãos à obra. E como “quando o homem quer a obra nasce” não levou muito tempo e os robôs estavam montados. Faltava programar...mas isso seria no segundo dia.

A viver pela primeira vez a experiência esteve a Beatriz que veio de Braga. Influenciada pelo seu professor, a aluna disse achar o evento muito interessante, mais ainda porque “é uma área com futuro”. Para além de ser uma experiência nova, a participante diz que para além da robótica em si “acho interessante tudo o que está por trás, a parte da eletrónica e da mecânica. É fascinante”.

No intervalo das várias fases, e enquanto uns ainda continuavam a trabalhar e a desenvolver os seus robôs, outros participantes tiveram oportunidade de fazer atividades como: arco e flecha, xadrez, jump, minijogos sem fronteiras, cycling, ténis de mesa, demonstração de Krav Maga, e momentos de Ka-



raoke. As equipas tiveram ainda a oportunidade de assistir às palestras: RoboCupJunior - Promoting Your Innovative Ideas Through Robotics Competitions pela Profa. Amy Eguchi (Trustee do RoboCup), e “O que podes aprender com a robótica?” pelo Doutor Marco Joel da Absolute-You. Sendo que o primeiro dia não terminaria sem o momento cultural, proporcionado pela Tun'Obebes - Tuna Feminina da Escola de Engenharia que encantou a plateia.

Conduzido pelo “desafio e pela curiosidade dos seus alunos” o Professor Nuno liderou a equipa que veio do Ribatejo, para quem a atividade é “uma ótima forma de lhe meter o bichinho da automação e da robótica, pois muitas vezes têm medo de pôr as mãos na massa, acham que é uma coisa muito complicada” disse.

No segundo dia, e após a formação sobre programação de robôs “Arduino IDE” e “Linguagem C”, os participantes puseram mais uma vez mãos à obra e

no final do dia os robôs estavam programados para as provas que iriam acontecer no 3º dia e que iriam determinar a classificação das equipas.

No último dia do evento, este seria como se diz “o tudo ou nada” das equipas que iriam disputar as provas de perseguição/corrida (um robô persegue um adversário numa pista em círculo), a prova de obstáculos (numa pista estreita os robôs têm que seguir um seu percurso autonomamente sem colidir com as paredes) e a prova de Dança. Um júri composto por cinco elementos deu a sua classificação. Na prova de Obstáculos venceu a equipa “Olha_Robot” da Escola Profissional de Almada, na prova de Perseguição ganhou a “ROBOTARCI_0613” da ATEC - Associação de Formação para a Indústria e, na prova de Dança a vencedora foi a equipa “Simaozinho” do Agrupamento de Escolas Santos Simões.

“A UMinho e os desafios do futuro na área da Saúde”

Ministro da Saúde debateu Saúde na UMinho

O Salão Nobre da Reitoria da Universidade do Minho acolheu na manhã de 25 de fevereiro várias personalidades na conferência intitulada “A UMinho e os desafios do futuro na área da Saúde”, na qual entrevistaram o Ministro da Saúde, o Reitor e a Pró-reitora da UMinho, o diretor do curso de Medicina da UMinho e o diretor do Health Cluster Portugal

MARTA BORGES
dicas@sas.uminho.pt

O Ministro da Saúde, Paulo Macedo, afirmou que os últimos anos têm sido difíceis para os portugueses, o que afetou também o Serviço Nacional de Saúde (SNS), onde houve até suspensão da distribuição de medicamentos para alguns hospitais. Nesta altura de rutura do SNS, ficou decidido que este iria continuar a ser universal e financiado pelos impostos, pesando aqui o facto de “o SNS ser mais necessário em tempos de crise”. Mesmo nesta situação, o ministro disse que a Saúde em Portugal não foi comprometida, o que se verifica pelo aumento do número de consultas e de medicamentos distribuídos, no entanto queixou-se do facto da descida dos preços dos medicamentos não ter sido notícia, apesar de isto poder representar “o início

do fim da crise”. Ainda em relação à crise, Paulo Macedo considera-a “um desafio para os sistemas de saúde, mas uma grande oportunidade para a investigação”, uma vez que todos concordam que “é possível ser mais eficiente na Saúde” e na sua internacionalização. Quanto à UMinho, o ministro coloca-a no “epicentro do desenvolvimento”, sendo uma entidade que estará garantidamente ao serviço dos portugueses no campo da Saúde.

António Cunha, Reitor da UMinho, destacou a oferta educativa existente na área da Saúde na Academia Minhota, com 11 cursos directamente relacionados e 11 outros em áreas de interface. Esta oferta contribui para a relação efectiva com a sociedade e entre diferentes campos científicos, particularmente entre saúde e engenharia no laboratório ICVS/3B's (Instituto de Investigação em Ciências da Vida e da Saúde/ Biomaterials, Biodegradables and Biomimetics), o que resulta em publicações, citações, patentes e “spin-offs” em grande número. O Reitor salientou ainda dois indícios da preocupação com a saúde que aqui se vive: a dimensão das colheitas de sangue e o título de Melhor Academia no Desporto em 2013.

A Pró-Reitora, Felisbela Lopes, que pertence ao Departamento de Ciências da Comunicação, apresen-

tou os resultados do seu estudo sobre o que dizem os jornalistas acerca da Saúde. Este estudo encontrou um interesse crescente dos jornalistas pela área da Saúde, uma preferência por políticas de saúde como subtema e ao mesmo tempo uma quase inexistência dos temas de prevenção. O tipo de texto preferido era a notícia, cujas fontes mais utilizadas têm o seguinte perfil: são identificadas, masculinas, nacionais e oficiais/institucionais, isto é, médicos com cargos ou investigadores.

O professor Nuno Sousa, director do curso de Medicina da Escola de Ciências da Saúde (ECS) da UMinho, fez uma intervenção que apelidou de “factual” e, como tal, apresentou “7 factos a reter na memória do ministro”, sendo eles: existência de uma escola médica inovadora e de qualidade, certificada, com prestígio internacional e centralidade na investigação. Bem como a existência de um laboratório associado estratégico, competitivo e ao serviço da saúde das pessoas. Nuno Sousa salientou também que o laboratório ICVS/3B's tem apenas 17% de financiamento da FCT (Fundação para a Ciência e



Tecnologia), o que significa que por cada euro investido pelo Estado português, o laboratório consegue ganhar 6.34€, sendo o que consegue captar mais investimento a nível nacional.

O engenheiro Joaquim Cunha, diretor do Health Cluster Portugal, explicou a aposta que fazem no bem-estar, envelhecimento, doença e turismo de saúde. Esta empresa pretende que “a saúde seja não só um setor de conhecimento intensivo, mas também de investimento intensivo”, o que pode ser feito pelo aumento da transferência de conhecimentos dos doutorandos às empresas em que trabalham, de modo a criar áreas de competitividade e referência.

Spin-off da Universidade do Minho

Castro, Pinto & Costa – Qualidade e Inovação

A Castro, Pinto & Costa, Lda. é uma empresa spin-off da UMinho, que iniciou o seu trajeto em 2000. Hoje, e com o seu âmbito de atividade alargado a cinco áreas estratégicas de negócio, a empresa soube-se adaptar aos tempos, suportando a sua ação numa política de crescimento sustentado, onde as pessoas são para si um fator essencial para o sucesso de qualquer projeto. O UMdicas esteve à conversa com um dos seus fundadores, para saber mais pormenores sobre o projeto, seu desenvolvimento e perspetivas para o futuro.

ANA MARQUES
anac@sas.uminho.pt



www.cpc.com.pt



www.oleotest.com



www.labmaia.com

O que é a Castro, Pinto & Costa, Lda?

A Castro, Pinto & Costa, Lda. (CPC) tem vindo a consolidar e a expandir a sua atividade em cinco áreas estratégicas de negócio: consultoria/auditorias, formação profissional; investigação e desenvolvimento, laboratório de análises e comercialização de produtos (estes essencialmente para a área da hotelaria e restauração).

Com o passar dos anos, a empresa foi melhorando e adaptando uma clássica estrutura de organização, que atualmente conta com as seguintes unidades de negócio (UN): UN Serviços que presta o apoio às empresas clientes através de consultoria, auditorias e formação profissional; UN Laboratório que contempla os serviços de investigação & desenvolvimento e controlos analíticos; UN Produtos que abrange a comercialização de produtos e equipamentos.

Como surgiu a empresa e quais foram os objetivos da sua criação?

A CPC iniciou a sua atividade em fevereiro de 2000, tendo como principais preocupações a qualidade e a inovação dos serviços prestados e dos produtos comercializados. Esta foi uma empresa pioneira na oferta de serviços de segurança alimentar, pensados de forma estruturada e adaptados às reais necessidades de cada cliente. Desta forma, e atendendo à evolução do mercado, a CPC teve a necessidade de introduzir novos serviços e novos produtos, suportando-se sempre numa política de crescimento sustentado.

Aquando do seu nascimento, a CPC não possuía instalações próprias e contava nos seus quadros técnicos apenas com três colaboradores polivalentes. Hoje a equipa CPC conta vários colaboradores, alguns deles doutorados e a maioria licenciados em várias áreas de atividade da empresa, e com instalações próprias pensadas de raiz para albergar os serviços administrativos da empresa, as salas de formação, armazém e um dos mais modernos laboratórios do país.

Os objetivos subjacentes à criação da CPC relacionam-se com a estimulação do desenvolvimento sustentado das empresas clientes, fomentado numa política de gestão pela Qualidade Total; a valorização dos recursos humanos das empresas clientes que se traduzirá numa melhoria do seu desempenho geral; dinamização do potencial de inovação do tecido empresarial envolvente e ainda com a promoção da endogeneização das tecnologias de forma a potenciar cada uma das dimensões anteriores e contribuir para promover o desenvolvimento, a qualidade e a inovação das empresas suas parceiras.

Quem foram os seus fundadores e qual a sua proveniência (curso)?

A CPC nasceu pela mão de três amigos e colegas do

curso de Engenharia Biológica: Inês Castro, Daniel Pinto e Miguel Costa.

Quais os projetos já concretizados pela empresa?

Uma das grandes conquistas da CPC foi o desenvolvimento e o lançamento do OleoTest®, um teste rápido que através de um reagente químico analisa fiavelmente a qualidade dos óleos alimentares utilizados no processo de fritura dos alimentos. Atualmente, o OleoTest® é o mais utilizado em Portugal e a sua presença já se estendeu a países como Espanha, França, Itália, Polónia, Panamá, África do Sul, Estados Unidos, entre outros...

Para além do OleoTest®, a CPC lançou também a marca IN – Inventing & Innovating de uma linha de produtos e equipamentos adaptados às necessidades dos clientes. Desta linha fazem parte produtos como vestuário obrigatório a nível de higiene, testes rápidos de higiene, termómetros, utensílios e outros equipamentos. Todos os produtos estão disponíveis na loja/catálogo online da marca.

A CPC também criou o LabMaia, uma empresa-satélite de prestação de serviços de investigação & desenvolvimento e controlo analítico nas áreas alimentar, águas, ambiental e controlos higienossanitários.

Quais os projetos da Castro, Pinto & Costa, Lda para o futuro?

O grande desafio para os próximos anos é, para além de manter a sustentabilidade das áreas de negócio existentes, firmar a internacionalização do OleoTest® como uma vertente própria do negócio. O futuro da empresa assentará, como até agora, na múltipla certificação e credenciação em sectores de ponta, sendo que estes processos permitem a criação de vantagens competitivas e a consequente distanciação face às empresas concorrentes.

Qual o volume de negócios da empresa?

O volume de negócios da CPC ao longo dos últimos anos tem-se registado no intervalo dos 500.000€ a 1.000.000€.

A empresa possui rácios de solvabilidade, autonomia económica e liquidez geral que a tornam numa empresa interessante sob o ponto de vista da sua liquidez financeira.

A Castro, Pinto & Costa, Lda é uma empresa de abrangência apenas nacional ou já se internacionalizou?

Das três unidades de negócio da empresa, a unidade de negócios correspondente à comercialização de produtos e equipamentos é a única que já iniciou o seu processo de internacionalização (exportação). Este esforço de expansão da empresa a nível internacional deve-se, em larga escala, à comercialização

do OleoTest®, que é, de facto, um produto pioneiro e inovador para o controlo dos óleos alimentares.

Qual o segredo do vosso sucesso?

Não existem grandes segredos. O sucesso resulta sempre de uma grande dose de trabalho, dedicação, determinação, espírito de sacrifício e entreatada de todos. De facto, as pessoas são um fator essencial para o sucesso de qualquer projeto. Na CPC trabalham pessoas que partilham as mesmas ambições e objetivos e às quais se deve o sucesso desta empresa. Mais ainda, em termos práticos, a chave do sucesso dos projetos desenvolvidos pela empresa reside na contínua adaptação dos serviços prestados e produtos comercializados à realidade de cada cliente.

“O sucesso resulta sempre de uma grande dose de trabalho, dedicação, determinação, espírito de sacrifício e entreatada de todos.”

Na sua opinião o que é preciso para se ser empreendedor, para se criar uma empresa de sucesso?

Acima de tudo é necessário ter uma boa ideia de negócio, sustentada por uma forte planificação e preparação de todo o projeto. Depois, se estiverem reunidos alguns fatores fundamentais para o desenvolvimento do negócio, não é difícil atingir o sucesso. É necessário consciencializar-se de todos os constrangimentos pessoais e profissionais subjacentes à criação do próprio negócio, mas nada que a paixão, a persistência e a dedicação por aquilo que se faz não ajude a ultrapassar!

É fácil ser empreendedor em Portugal?

Apesar de nos últimos anos o ambiente político ser favorável à constituição de novas empresas, a verdade é que cada vez mais a conjuntura económica faz retrair um pouco as aspirações de quem deseja criar o seu próprio negócio. Mas podemos considerar que é fácil ser empreendedor no nosso país.

O país apoia o empreendedorismo e a inovação?

O nosso país tem disponibilizado, nos últimos anos, fortes incentivos ao empreendedorismo e a inovação. Por outro lado, existem cada vez mais linhas de apoio e programas de financiamento que facilitam a criação do próprio negócio. Além dos vários programas de apoio à criação ou financiamento de em-

presas que existem, dos apoios à empregabilidade, as novas empresas também podem contar com os apoios ao empreendedorismo por parte das universidades que se tornam cada vez mais incubadores de grandes ideias e projetos de negócio.

Qual o apoio que a UMinho dá às suas spin-offs e star ups, tanto na sua formação como no seu desenvolvimento?

Na altura em que a CPC foi criada, ainda não existiam as atuais estruturas de apoio. Ainda assim, na altura podemos contar com o apoio dos professores e de algumas estruturas, e até da colaboração em projetos de investigação, o que constituiu num enorme apoio e incentivo à criação da empresa.

Atualmente, a universidade conta com diversos mecanismos de apoio às suas spin-offs e startups como a TecMinho que apoia a formação e as novas ideias; o IdeiaLab presta um serviço de consultoria na fase embrionária do projeto, o Start um Gabinete de Apoio ao Empreendedorismo, e ainda o SpinUM, um concurso que premeia as melhores ideias de negócio. Para além disso, a UMinho tem uma forte tradição de apoio ao empreendedorismo e à inovação através de parcerias que mantem com várias entidades independentes ligadas à ciência e tecnologia que tornam mais fácil o caminho que empresas recém-criadas tem de percorrer.

“Acima de tudo é necessário ter uma boa ideia de negócio, sustentada por uma forte planificação e preparação de todo o projeto. Depois, se estiverem reunidos alguns fatores fundamentais para o desenvolvimento do negócio, não é difícil atingir o sucesso.”

Que mensagem deixariam a quem quer ser empreendedor?

Num ambiente cada vez mais competitivo é essencial acreditar no sucesso da ideia de negócio, rodear-se de pessoas competentes e mecanismos e apoios disponíveis e nunca desistir de a concretizar.... E preparar-se para trabalhar muito!

Festival de Tunas Femininas

8.ª Edição do “Serenatas ao Berço”

Na 8.ª Edição do «Serenatas ao Berço», Festival de Tunas Femininas, a Tun’Obebes - Tuna Feminina de Engenharia da Universidade do Minho convida todos os “aventureiros” a embarcar nesta viagem ao passado. O VIII Serenatas ao Berço terá como palco o Auditório Nobre da Universidade do Minho, no Pólo de Azurém, Guimarães, no dia 5 de Abril de 2014, pelas 21 Horas.

TUN’OBEBES
dicas@sas.uminho.pt

Este ano, a fim de proporcionar um espetáculo notável à Cidade de Guimarães, para além da participação extraconcurso da Tun’Obebes e como já vem sendo habitual, sobem ao palco tunas femininas, trovadoras de grande importância de várias academias do país:

Tôna Tuna – Tuna Feminina do Instituto Politécnico de Bragança, EncantaTuna – Tuna Feminina Académica da Universidade da Beira Interior, TUnice – Tuna Feminina do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e as Cavaleiras de Sellium – Tuna Feminina do Instituto Politécnico de Tomar. O festival conta ainda com a participação como extraconcurso a TMUM – Tuna de Medicina da Universidade do Minho e a apresentação do mesmo estará a cargo da OPUM

DEI – Ordem Profética da Universidade do Minho. Espera-se assim um espetáculo cheio de cor, alegria, e claro, muita e boa música.

As festividades continuam noite dentro, com a habitual festa no B.A. de Guimarães.

Bilhetes à Venda:

- Sala da Tun’Obebes (Guimarães)
 - G.A.A. Guimarães
 - Café Universidade (Guimarães)
- Estudante: 2€
Não Estudante: 3€

Para mais informações:

<http://tunobebes.blogspot.com/>
<http://tunobebes.no.sapo.pt/>
<https://www.facebook.com/tunobebes.uminho>



Tuna Universitária do Minho

Universitária encanta Porto e Guarda!

As últimas semanas foram de atividade intensa para a Tuna Universitária do Minho (TUM): dois fins de semana, duas cidades (Porto e Guarda), dois festivais e muitas boas recordações a somar aos prémios conquistados.

TUM
dicas@sas.uminho.pt

Após a entrada no segundo semestre com a festa cubana decorrida no Carpe Noctem no dia 25 de Fevereiro, a TUM rumou ao Porto para participar no “II Noites de Ronda”, festival organizado pela Tuna de Medicina do Porto.

Este festival, que teve lugar entre os dias 28 de Fevereiro e 2 de Março, encheu a Casa da Música pela segunda edição consecutiva e brindou a cidade do Porto com mais uma grande noite de música e alegria. O concurso juntamente com a Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra, Tuna de Engenharia da Universidade do Porto e Hinoportuna, a TUM trouxe para Braga os prémios de Melhor Instrumental e Melhor Tuna. Findo o evento, resta agradecer a hospitalidade à tuna organizadora e enfatizar a nossa vontade de voltar àquela cidade num futuro próximo.

Na semana seguinte, entre os dias 7 e 9 de Março, a TUM deslocou-se até à cidade da Guarda onde, a convite da Copi-

tuna d’Oppidana - Tuna Académica da Guarda, se juntou a mais um evento com cada vez mais relevo no panorama nacional das tunas. Durante o “XIII Oppidana”, a TUM, ao lado da Estudantina Universitária de Coimbra, Tuna da Universidade Católica Portuguesa - Porto, Infantuna Cidade de Viseu e Tuna Universitária do Instituto Superior Técnico, desfrutou mais uma vez do ambiente acolhedor tão característico das gentes egitanenses. Da participação a concurso, a TUM volta para casa premiada com a distinção de Melhor Estandarte.

Durante o próximo mês, a TUM tem ainda na sua agenda a participação no XIII Templário, em Tomar. De resto, e como é habitual, esperam-nos semanas de intenso trabalho na preparação do XXIV FITU Bracara Avgvsta, a ter lugar nos dias 11 e 12 de abril no Theatro Circo. Será mais uma grande oportunidade para o público de Braga e da Universidade do Minho assistir a um grande espetáculo proporcionado por algumas das melhores tunas portuguesas e estrangeiras do momento.



XVII TUIST

Azeituna marca pela irreverência no Coliseu dos Recreios

A Azeituna iniciou em grande forma a época de festivais de 2014, marcando presença no XVII TUIST, festival que decorreu no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, no passado sábado, dia 22 de Março. Foi perante um Coliseu com cerca de 2000 pessoas, que a Azeituna subiu ao palco para uma atuação de marcada irreverência, da qual se destacaram os temas “Ninguém Ninguém” e “Vais Partir”, estreados no XX CELTA, e o instrumental original “Andanças”, que garantiu ao grupo da Universidade do Minho o prémio de Melhor Instrumental.

AZEITUNA
dicas@sas.uminho.pt

Para além deste, à Azeituna foram ainda atribuídos os prémios de Melhor Bandeira e o prémio Hard Rock Café, este último graças à atuação durante a tarde de Sábado nesse mítico bar, onde a Azeituna brindou os presentes com um alinhamento exclusivamente de rock português, com arran-

jos de Jorge Palma, António Variações e José Cid.

Para a Azeituna, o balanço é claramente positivo, depois de dois espetáculos muito satisfatórios e de um fim-de-semana de convívio com amigos de longa data.

Nos próximos dias 11 e 12 de Abril, a Azeituna irá atuar, respetivamente, no FITU Bracara Augusta, que terá lugar no Theatro Circo, em Braga, e no Lethes, no Teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo.



150
EUROS
POR PESSOA

INSCRIÇÕES A 1 DE ABRIL
EQUIPAS MISTAS 4X4
INSCRIÇÕES LIMITADAS



GATA na PRAIA



PRAIA DA
ROCHA



MEDIA



PATROCINADORES



TASQUINHA
BRACARENSE



Suburbios

AFGO INSTITUCIONAL



PARCEIROS



Vitalis



12-17
ABRIL'14

ESTADIA NO HOTEL
TIVOLI MARINA PORTIMÃO